

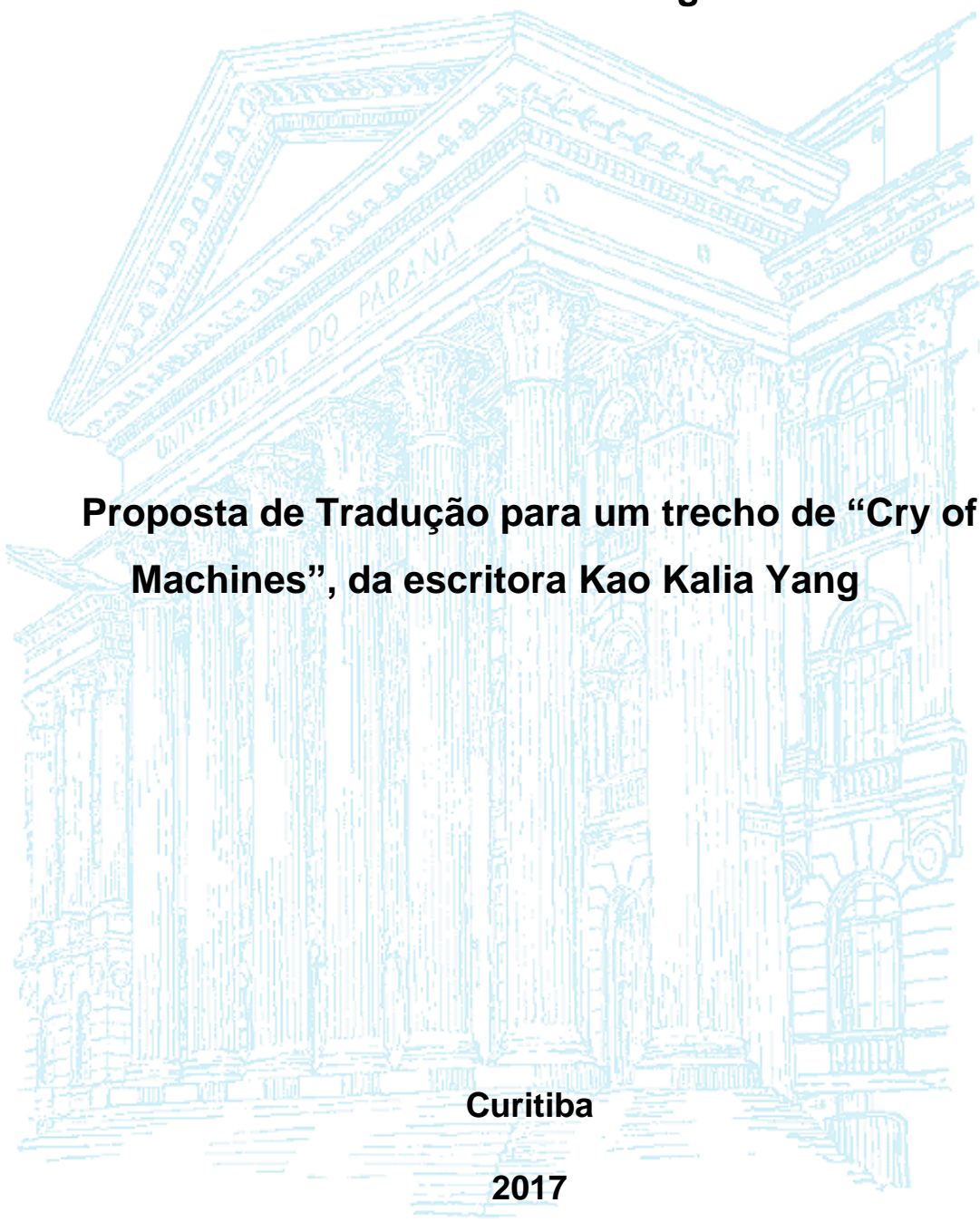
Universidade Federal do Paraná

Bianca Heinrichs August

**Proposta de Tradução para um trecho de “Cry of
Machines”, da escritora Kao Kalia Yang**

Curitiba

2017



Bianca Heinrichs August

**Proposta de Tradução para um trecho de “Cry of
Machines”, da escritora Kao Kalia Yang**

Monografia apresentada à disciplina de Orientação Monográfica II do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Letras Português e Inglês, com ênfase em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Anna Beatriz Paula.

Curitiba

2017

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me ajudado e capacitado em toda esta trajetória, permitindo minha chegada até aqui.

À Universidade Federal do Paraná, os professores do curso de Letras e demais servidores envolvidos em cada uma das etapas e processos da graduação.

À minha orientadora Anna Beatriz Paula pelas ideias, correções, e incentivos.

À banca examinadora, professores Caetano Galindo e Luci Collin, por estarem dispostos a investir um pouco do seu tempo e conhecimento neste projeto.

À minha família, por serem sempre presentes, pelo amor e apoio!

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3. O CHORO DAS PALAVRAS	17
4. CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	33
ANEXOS	36
Anexo I – Um trecho de Cry of Machines, por Kao Kalia Yang	36
Anexo II – Tradução proposta: Um trecho de O Choro das Máquinas, por Kao Kalia Yang	45
Anexo III – Texto original e texto traduzido, lado a lado	56

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor uma tradução para um trecho do texto de “Cry of Machines” escrito por Kao Kalia Yang, uma mulher de origem hmong que vive hoje no Estados Unidos, atuando como escritora e professora. A escolha desse texto foi motivada pela grande repercussão das ondas de migrações na mídia nos últimos anos. A metodologia foi proposta em três etapas: a leitura e escolha do trecho, primeira tradução e revisão da tradução. Para a escolha do referencial teórico utilizado, são primeiramente apresentadas algumas teorias da tradução, assim como nomes importantes que as representam, tais como Mounin e Gideon Toury; e em seguida é exposta a teoria hermenêutica, escolha principal para nortear a realização da tradução, tendo como referência fundamental o tradutor brasileiro Paulo Henriques Britto e seu livro *A Tradução Literária*. A realização da tradução evidenciou a necessidade do conhecimento sobre a autora, sua história e seus contextos como elementar para que ela fosse possível, assim como abriu caminho e mostra que é indispensável para as discussões de assuntos paralelos aos tratados no trecho como a imigração, o subalterno, a interculturalidade e o etnocentrismo.

Palavras-chave: Tradução, *Cry of Machines*, Hermenêutica, Paulo Henriques Britto.

ABSTRACT

The objective of the present work is to propose a translation for a piece of the text of "Cry of Machines" written by Kao Kalia Yang, a Hmong woman living today in the United States, active as an author and teacher. The choice for this text was lead by the great repercussion of the migration waves in the social media in the last years. The methodology was proposed in three steps: reading and choosing the text, first translation, and review of the translation. For the choice of the theoretical reference used, first, are presented theories of translation as well as names that represent them, such as Mounin and Gideon Toury, and following is presented the theory of Hermeneutics, the main choice to lead the realization of the translation, having as a fundamental reference the Brazilian translator Paulo Henriques Britto and his book *A Tradução Literária*. The realization of the translation proved the need of knowledge about the author, her story and context as elementary for it to be possible, as well as gave way to and showed to be essential discussing subjects parallel to those dealt with in the short story, such as migration, the subaltern, interculturality and ethnocentrism.

Key words: Translation, Cry of Machines, Hermeneutics, Paulo Henriques Britto.

1. APRESENTAÇÃO

A relevância da tradução na sociedade contemporânea é inquestionável, ela está presente até mesmo em lugares e situações em que passa despercebida. Filmes, livros, manuais de instrução, cartas, blogues, e tantos outros textos são traduzidos para que haja acessibilidade a leitores que não compreendem/têm acesso ao texto em sua língua original. Compreende-se, então, que um dos objetivos essenciais da tradução de um texto é o de aproximar culturas que, de alguma forma, mantinham algum tipo de contato através de um ou muitos sujeitos.

O mundo contemporâneo, marcado pela globalização – tomada aqui no seu aspecto comunicacional, ou seja, o de aproximação das culturas através da diversidade de tecnologias de comunicação e transporte –, apresenta situações dramáticas em que os contatos interculturais se dão em experiências extremas. O exemplo mais contundente dos últimos anos é o êxodo de populações expostas a conflitos armados, com destaque para o que acontece na Síria.

A repercussão desencadeada pela foto do menino de três anos Aylan Kurdi, sem vida numa das praias da Turquia, divulgada em sites de notícias e rede sociais (GLOBO, 2015) foi o agente motivador do presente estudo. Aylan Kurdi fazia parte de um grupo de cerca de 750 mil pessoas que já tentaram deixar a Síria, no Oriente Médio, em busca de uma vida melhor onde não há guerra civil (ACTION AID). De acordo com a Organização Internacional para Migração, 2.373 migrantes e refugiados perderam suas vidas entre janeiro e agosto de 2015. Ao mesmo tempo, de acordo com o Statistics Portal, no ano de 2000 mais de 2 milhões de pessoas deixaram seus lares como refugiados, e em 2014 esse número chegou a 14 milhões (STATISTA, 2016).

Assim, é importante pensar nestes novos cenários urbanos que se formam a partir desses refugiados que sobrevivem a travessias e buscam refazer suas vidas. É uma experiência ambígua para todos os sujeitos nela envolvidos. Ao mesmo tempo em que esses migrantes buscam refúgio no Brasil, ou em qualquer outro país, poder receber pessoas de outros lugares e culturas é considerada uma experiência enriquecedora, uma experiência intercultural. Sobre a interculturalidade Storck e Janzen (2013, p. 321) afirmam que ela “contribui para o respeito às diferenças, tornando possível o diálogo com grupos, em diversos aspectos culturais”, e para Kern, a interculturalidade, tratada em seu artigo como “hibridização”, “renova a

cultura, produzindo ‘novos sentidos’.” (KERN, 2004, p. 59). Ou seja, o contato com o outro coopera para que nossas mentes sejam abertas para outras realidades e novas compreensões sobre o mundo.

Tendo em mente a importância da tradução para disseminar o acesso a novos textos, novas culturas e novos conhecimentos, no presente trabalho é proposta a tradução de um trecho de “Cry of Machines”, escrito por uma mulher de origem hmong, Kao Kalia Yang, publicado no ano de 2016 no website Granta.

O trecho escolhido aborda uma situação semelhante à da família da autora. Sua ascendência é de uma etnia chamada *hmong* (YANG, 2015), que provavelmente teve origem na Sibéria em 2300 B.C. Ao longo dos séculos os hmong se locomoveram em direção à China, porém, por volta de 1800 eles passaram a ser perseguidos pelo governo chinês, e se mudaram para a região montanhosa que envolve a Tailândia, Laos, Vietnam e o país que é hoje conhecido como Myanmar. Mais tarde, em 1975, a nova geração que morava em Laos se viu obrigada a buscar proteção em campos de refugiados na Tailândia, por causa do comunismo. A família de Kao Kalia Yang faz parte das cerca de 250.000 pessoas que deixaram os campos de refugiados para reconstruir a vida nos Estados Unidos (OWENS, 2007) (MAIXIONG_VG, 2010).

O enredo de “Cry of Machines” se desenvolve com uma família já adaptada em seu novo país. Ele é narrado do ponto de vista do patriarca, que sonha que seus filhos tenham um estilo de vida melhor que o seu, pois tem vergonha da vida que leva nos Estados Unidos; dos empregos simples que teve que aceitar comparando com a vida que levava antes da mudança, e por causa de dificuldades de comunicação que tem, devido ao pouco domínio da língua inglesa.

Metodologicamente, a tradução foi realizada em três etapas:

- 1) Leitura do trecho escolhido: a professora e tradutora Rosemary Arrojo ressalta em seu livro *Oficina de Tradução* a importância de “ler” para que a tarefa de traduzir possa ser realizada. De acordo com ela, a leitura inicial do texto a ser traduzido, e seu contexto de produção e a coleta de informações sobre o autor são essenciais para melhor compreensão do texto e seus significados (ARROJO, 2002). Portanto, nessa etapa realizou-se a leitura para escolha do trecho e preparação para o ato da tradução. Nela, foi importante atentar-se para eventuais regionalismos e dificuldades

que poderiam ser enfrentadas nos próximos passos, assim como a pesquisa sobre a autora do livro e sua história para melhor compreensão do texto e termos usados nele.

2) Primeira tradução do trecho: nessa etapa o trecho foi traduzido pela primeira vez, mas sem preocupação com maiores detalhes; porém, ao mesmo tempo foi feita uma marcação em termos que precisariam de revisão, e escolhas que poderiam ser comentadas.

3) Revisão da tradução: com o trecho já traduzido, nessa etapa foi realizada uma leitura da tradução, continuando a atentar e marcar questões que seriam comentadas, assim como estilos que poderiam ser específicos da escritora e palavras que foram usadas repetidas vezes. Simultaneamente, atentou-se a questões que poderiam causar algum tipo de estranhamento ao leitor do texto traduzido, buscando torná-lo mais verossimilhante ao seu contexto, especialmente com relação a marcas de oralidade, conforme sugerido por Paulo Henriques Britto no capítulo “A Tradução de Ficção”, no seu livro *A Tradução Literária*.

A tradução foi feita no Microsoft Word®, com o auxílio de mecanismos de pesquisa como o Google®, e com ferramentas para tradutores como Proz®, em que profissionais e amadores podem se comunicar entre si em busca de ajuda para a tradução de termos específicos. O dicionário Inglês-Português de Michaellis®, disponibilizado no site Uol®, o dicionário inglês Merriam-Webster®, o dicionário português Caldas Aulete® e o Dicionário de Sinônimos Online®, também foram utilizados. Ainda na realização da tradução e na preparação do trabalho foram utilizados os recursos de controle de alterações e de inserção de comentários do Word, para que fossem marcados aspectos que seriam comentados neste trabalho final e trechos em que deveriam ser copiados, fragmentos da tradução uma vez terminada.

Ao pensar especificamente no trecho de “Cry of Machines”, a tradução guiada pela Hermenêutica permitirá que o leitor do português brasileiro tenha acesso até mesmo a pequenos detalhes presentes no original, por exemplo, à maneira como a autora retratou o uso da língua inglesa como língua estrangeira do narrador. Permitirá também que o estilo da autora Kao Kalia Yang seja reproduzido sem que

as suas escolhas sejam omitidas, conforme poderá ser visto mais adiante, por exemplo, na extensão das frases.

Com base no exposto acima, a tradução de “Cry of Machines” objetiva permitir que leitores da língua portuguesa tenham contato com uma das tantas histórias de migração e adaptação cultural, e através dela ampliem sua percepção sobre as situações que estrangeiros enfrentam em seu novo lar. Espera-se também que o leitor compreenda que a literatura contemporânea é influenciada pelo contexto das migrações, exercendo importante papel de registro de memórias desses refugiados.

Busca-se, ainda, que o leitor obtenha um novo entendimento sobre o etnocentrismo, pois, como definido por Janzen, ele “consiste do julgamento avaliativo de um determinado grupo ou indivíduo sobre a outra cultura”. Assim, o leitor poderá refletir sobre a presença de tais grupos à sua volta e sobre as consequências do cenário intercultural levando em consideração as diferenças de contexto, modo de viver, e história de outras pessoas ao seu redor, tendo em vista que se entende por interculturalidade as diversas culturas entre sujeitos, não apenas entre nações e estados (STORCK; JANZEN, 2013, p. 324).

O presente trabalho foi dividido em 3 partes. Primeiramente, na introdução, o leitor foi exposto a informações com relação ao trecho, a autora e sua história. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, foram apresentadas as etapas que compuseram a metodologia e motivações para a realização da tradução do trecho em questão. No capítulo seguinte, intitulado Referencial Teórico, serão apresentadas algumas escolas e teorias de tradução assim como nomes importantes que as representam, tais como Mounin e Gideon Toury da linguística-normativa para uma melhor compreensão do leitor da abrangência do tema da tradução e suas discussões, além do recorte teórico escolhido como base para a realização da tradução. No capítulo O Choro das Palavras serão apresentados e destacados detalhes e aspectos que envolveram o estudo do trecho e a realização da sua tradução, levando em conta as proposições de Britto. Esses aspectos envolvem decisões que tiveram que ser tomadas com relação a vocabulário, intervenção do tradutor no corpo do trecho, e outros detalhes que foram percebidos ao longo da realização do trabalho. Na Conclusão, estão registradas as reflexões finais quanto ao processo da tradução e o resultado exposto na proposta em anexo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao realizar a tradução de um texto, seja narrativo, descritivo, expositivo, dissertativo, etc., o tradutor enfrenta desafios das mais diversas formas, tendo a necessidade de tomar decisões que julgar serem as melhores para a tradução do texto, ou seja, para a língua de chegada, conforme o objetivo que deseja alcançar.

Embora traduzir seja um processo eminentemente prático, acompanhar a evolução das concepções de tradução elucida os caminhos escolhidos para se chegar ao resultado final desta proposta. O recorte foram as discussões propostas por estudiosos de referência a partir do século XVIII, como por exemplo: Friedrich Schleiermacher, Friedrich Hölderlin e Johann Gottfried Herder. Através de seus posicionamentos é possível encontrar diversas opiniões e vertentes sobre o assunto, tanto sobre o ato de traduzir, quanto sobre o texto já traduzido. A seguir serão apresentadas algumas teorias e escolas da tradução para que a melhor compreensão da abrangência de temas e questões envolvidas em discussões sobre tradução. Conforme poderá ser visto mais adiante, apesar da escolha por uma vertente que conduza a execução da tradução, isso não implica considerar outras ideias erradas ou desnecessárias.

A começar pela perspectiva funcionalista, ela ensina que antes da tradução, o tradutor deve levar em conta quatro perguntas básicas com relação ao seu texto: para que, por que, como e para quem será realizada esta tradução, resumidas pelo linguista e tradutor alemão Hans Josef Vermeer como o escopo da tradução (VERMEER, 2004).

A teoria descritiva, por sua vez, deixa de lado a descrição de como *deveria* ser uma tradução, e passa a descrever como as traduções *são*, ou *poderiam ser* (PYM, 2014; p. 62). De acordo com o especialista sobre estudos da tradução, Anthony Pym, a origem e a definição dos estudos descritivos através do israelense Toury e seus colegas de Praga, Bratislava, Leipzig, Holanda e Flandres abriu o caminho e permitiu que a tradução se tornasse uma disciplina acadêmica (PYM, 2014).

Para um dos maiores representantes dessa teoria, o tradutor Gideon Toury, ela opta por ver a importância cultural de textos traduzidos, em outras palavras, a existência de um texto original não interfere no estudo e na análise do texto que está

escrito na língua de chegada, ou seja, a língua para a qual o texto original fora traduzido. Ainda segundo Toury, em uma dimensão sociocultural a tradução pode ser descrita como sujeita a restrições de diversos tipos e níveis que vão além do texto de origem, as diferenças sistemáticas entre as línguas e as tradições textuais envolvidas no ato. Toury aprofunda a teoria afirmando que a presença de normas no ato da tradução é necessária para que seja possível dar conta de todos os fatores que possam restringir a atividade.

Tais normas incluem o que ele chama de *Normas Preliminares* e *Normas Operacionais*. As *Normas Preliminares* envolvem a *Política da Tradução* e a *Direção da Tradução*. A primeira discute os fatores que orientam a escolha dos textos a serem importados a outra cultura, num determinado tempo. A segunda questiona se é permitido traduzir um texto de uma língua que não seja a do texto original (tradução indireta): quais textos, línguas e períodos são permitidos, proibidos, tolerados, e assim por diante.

As *Normas Operacionais* direcionam as decisões tomadas durante o ato da tradução, definindo, por exemplo, o que será invariável ao longo do texto na língua de chegada e o que não, omissões, acréscimos, mudanças, etc. Elas se dividem em *Normas Matriciais*, que veem o material da língua de chegada como substituto do material do texto original; e as *Normas Textuais e Linguísticas*, que são as normas dos gêneros textuais que regem a tradução, ou seja, a análise do texto e aquilo que o compõe (TOURY, 2004).

A vertente da linguística-normativa, por sua vez, é aquela que se preocupa tanto com a forma “correta” de se traduzir, como com o conceito de *tradução*. No livro *Uma Teoria Linguística da Tradução*, Catford, um dos maiores nomes dessa vertente, define tradução como “um processo de substituição de um texto numa língua por um texto em outra” (CATFORD, 1980; p. 1). Mais adiante, ainda no mesmo livro, Catford discute a importância do *significado* na tradução, em que afirma que sendo o significado do texto original importante para a tradução, é necessário que haja também uma teoria do significado, na qual ele se aprofunda ao longo de sua obra (CATFORD, 1980; p. 38).

Para essa vertente, a linguística é um ramo fundamental nos estudos e na prática da tradução. De acordo com Mounin, outro grande representante da linguística-normativa, será através dela que o tradutor saberá “até que ponto duas

estruturas em contato podem se manter intactas” (MOUNIN, 1975; p. 17). Aprofunda-se, então, em questões de semântica e sintaxe, discutindo como é possível ou não manter essas categorias do texto original na tradução, e as interferências da língua do texto original no texto de chegada, buscando a equivalência em questões fonéticas, léxicas, fonológicas, grafológicas, etc.

Um dos argumentos de Mounin para a importância de se envolver a ciência da linguística nos estudos da tradução é a presença do que chama de “máquinas de traduzir”. De acordo com ele, elas propõem e continuarão a “propor problemas linguísticos associados à análise de todas as operações de traduções” (MOUNIN, 1975, p. 19).

No que diz respeito à vertente pós-estruturalista, conforme nota a tradutora brasileira Rosemary Arrojo, conhecida por sua consistência na adoção de um viés desconstrutivista da tradução, ela se baseia na remodelação dos pressupostos estruturalistas de Saussure após sua desconstrução pelo filósofo Jacques Derrida. Sobre as diferenças entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo a autora brasileira observa: “a reflexão pós-estruturalista utiliza noções caras ao estruturalismo, como a arbitrariedade do signo, para revolucionar as formas pelas quais pensamos a linguagem, o sujeito e suas relações com o ‘real’.” (ARROJO, 1996; p. 61).

Nesse pensamento é defendida a ideia de que significante e significado são inseparáveis. Assim, com base no tema de “reconhecimento e aceitação da diferença” dos estudos da linguagem, também objeto de estudo de Derrida, Arrojo acredita no abandono de perspectivas científicas e do desejo impossível de se sistematizar e tornar asséptica a tarefa de traduzir, tendo a “consequente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados” (ARROJO, 1996; p. 62).

Assim, anteriormente, a equivalência não era possível, pois para o pensamento estruturalista, as palavras numa língua carregam significados com pesos diferentes em outra língua. Para Arrojo, a desconstrução é vista como “uma prática, uma maneira de usar a língua para analisar a língua, e conseqüentemente como uma maneira de usar a língua para tradução”. O teórico Alexander Pym conclui que para a teoria desconstrutivista, “a tradução sempre envolve transformação” (PYM, 2014; p. 107).

A vertente dos estudos da tradução escolhida para a realização deste trabalho foi a Hermenêutica que, de acordo com o filósofo alemão Schleiermacher, engloba “a arte de entender particularmente o discurso escrito de outra pessoa corretamente” (SCHLEIERMACHER, 1998; p. 3). De acordo com o professor Anthony Pym, para a hermenêutica, textos são compostos por significados que precisam ser interpretados, e tal interpretação é de grande importância para a tradução (PYM, 2014).

A preferência pelo uso da vertente Hermenêutica deve-se, então, à sua valorização em manter a identidade do escritor do texto original na tradução, sendo a função do tradutor apenas a sua transposição, buscando manter os significados e discursos do texto traduzido o mais próximo possível do original. Na definição de Chau Suicheong para a hermenêutica, não existe compreensão objetiva, preconceitos são inevitáveis e podem ser positivos. Chau reforça que não há leitura final ou definitiva, e que o tradutor inevitavelmente mudará o significado do texto de origem, ou seja, nenhuma tradução conseguirá representar o texto de chegada por completo e a compreensão (o entendimento, ou ainda a interpretação) nem sempre poderá ser explicada (CHAU *apud* PYM, 2014, p. 99).

Mais especificamente, o livro *A Tradução Literária* do tradutor e poeta Paulo Henriques Britto foi tido como um grande guia para a realização desta proposta de tradução. Britto é um dos maiores representantes da vertente hermenêutica da tradução no Brasil, devido à importância que dá ao significado e ao sentido do texto, e sua manutenção na tradução. De acordo com ele, um dos aspectos que permite que uma tradução seja considerada ideal é que, mesmo sabendo que será impossível, o tradutor trabalhe tendo como meta que ela seja 100% fiel ao texto original (BRITTO, 2012).

Britto afirma que, especialmente no que se refere ao fato de um único texto poder apresentar diversas interpretações e leituras, nunca poderemos compreender ao máximo todos os sentidos que o autor intencionou apresentar, (BRITTO, p. 24), porém, o autor complementa

[...] isso não deve ser visto como um argumento para que descartemos a meta de *fidelidade* ao original. Se a fidelidade absoluta, integral, perfeita é uma meta inatingível, nem por isso vamos abrir mão dela como orientação. (BRITTO, 2012; p. 50).

Ou seja, para Britto, ao realizar uma tradução deve-se procurar manter também no texto da língua de chegada aspectos específicos que o autor produziu no texto original. Tais aspectos podem incluir os sentidos do texto, marcas fonéticas de oralidade, questões morfossintáticas e até mesmo orações que possam causar estranheza, seja para o leitor do texto original ou do texto traduzido. Pois, para ele, uma tradução que não respeita as características do texto original seria uma tradução antiética, que não permitiria que o leitor afirmasse que leu um texto escrito por Kao Kalia Yang, como seria neste caso, mas sim que leu uma tradução adaptada de Yang.

Britto descreve a tradução literária como “a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada” (BRITTO, 2012; p. 47). Para que uma tradução possa ser considerada boa ao mesmo tempo em que mantenha ao máximo os variados aspectos presentes no original (em termos de sentido e de gramática), o autor propõe sua percepção sobre o assunto no mesmo livro, apresentando críticas, sugestões e exemplos que podem ser levados em conta ao realizar uma tradução.

Britto sugere ainda que ao mesmo tempo em que se busca manter a tradução o mais próximo possível do original, deve-se evitar nela marcas estrangeirizantes, como por exemplo a influência da sintaxe da língua do texto original sobre a língua e o texto de chegada. Ou seja, de acordo com ele, se no original consta “*pushing her way into the hallway*”, a tradução literal sugerida por ele seria “empurrando seu caminho para dentro do vestíbulo estreito”, enquanto uma tradução ideal se aproximaria de “abrindo caminho para entrar no vestíbulo estreito” (BRITTO, 2012; p. 71).

Para que tais marcas estrangeirizantes não estejam presentes, o tradutor sugere inúmeras marcas de tradução a serem evitadas e ajustadas no texto de chegada, que não impedem que o texto deixe de ser fiel ao original. Um exemplo de um ajuste a ser feito, recomendado por Paulo Henriques Britto, é o uso da próclise ao invés da ênclise. Ele explica que apesar da regra da norma culta exigir que o pronome clítico seja usado como ênclise, o português brasileiro falado tende a usá-lo na posição de próclise e, portanto, traduções de diálogos devem priorizar o uso de “se mudar” sobre “mudar-se”, por exemplo, para que se aproxime mais da realidade brasileira (BRITTO, 2012; p. 101).

Com base nisso, para a realização deste trabalho atentou-se para estilos específicos da autora e do texto, como por exemplo, escolhas de palavras e tamanho de frases, com o objetivo de realizar a tradução mais próxima do texto original mantendo tais estilos. Mas, ao mesmo tempo foram levadas em conta as sugestões que Britto dá para que o texto seja verossímilante ao português-brasileiro.

É interessante ressaltar que apesar da vertente hermenêutica ter sido escolhida como base do referencial teórico, isso não impede que as outras considerações teóricas também sejam usadas ao longo da tradução, devido ao fato de que esse viés não apresenta estratégias para a realização da tradução em si. Por exemplo, é importante que o tradutor leve em conta o que Vermeer definiu como Escopo da Tradução, como mencionado acima, para que ela se aproxime mais do objetivo que se deseja alcançar. Ou seja, as perguntas para que, por que, como e para quem será realizada a tradução são importantes para que sejam definidas as estratégias a serem usadas.

No caso desta tradução, como dito anteriormente, o objetivo é que ela seja acessível a leitores da língua portuguesa para seu contato com uma história sobre a migração e seus desafios. Assim, a sua visão sobre esse assunto e a literatura contemporânea poderá ser expandida, permitindo, ainda, que ele amplie sua reflexão sobre o etnocentrismo. Para possibilitar essa acessibilidade, compreendeu-se que seria possível publicar a tradução proposta em veículos de publicação da Universidade Federal do Paraná, e que conseqüentemente os leitores seriam professores e jovens universitários, portanto, com um nível de escolaridade e acesso a informações suficientes para justificar certas escolhas.

Da mesma forma, apesar de Paulo Henriques Britto e Rosemary Arrojo discordarem sobre certos aspectos tradutórios (BRITTO, 2012; p. 126), acredita-se que seja importante também a realização da leitura do texto a ser traduzido, sobre a vida e as obras do autor e seu contexto, conforme instrui Arrojo em seu livro *Oficina de Tradução*, cujo viés tradutório se aproxima da vertente pós-estruturalista derridiana (ARROJO, 2002).

Por fim, é interessante mencionar ainda que apesar de Britto e Schleiermacher pertencerem e serem grandes representantes da mesma vertente, o tradutor brasileiro discorda do filósofo alemão quando ele afirma que é necessário

escolher entre estrangeirizar ou domesticar uma tradução. Para Britto, é impossível atingir qualquer um dos dois objetivos, portanto, é preciso tomar um caminho intermediário (BRITTO, 2012; p. 61). Por outro lado, outros tradutores como Pym, e Berman acreditam que o texto não pode ser domesticado, ou seja, deve manter seu “estrangeirismo” (PYM, 2012; p. 100).

Para a tradução do trecho de “Cry of Machines” optou-se por tomar o caminho intermediário, conforme sugerido por Paulo Henriques Britto. Isso implicou em adaptações de certos termos e aspectos, mas manutenção de outros, discussão essa que será mais aprofundada no capítulo seguinte.

3. O CHORO DAS PALAVRAS

Ao realizar a tradução do trecho de “Cry of Machines” para o português, alguns aspectos do texto original e as escolhas envolvidas no trabalho chamaram atenção e serão destacados a seguir. Tendo em mente que todas as palavras, abordagens de forma e expressões usadas pela autora no texto original foram intencionalmente escolhidas, optou-se por manter a tradução mais próxima possível do original, ao mesmo tempo em que a aproximando da oralidade do português brasileiro, conforme sugerido por Paulo Henriques Britto no livro *A Tradução Literária*. Para melhor visualização por parte do leitor, os trechos retirados do texto original serão apresentados em negrito e itálico, e os trechos da tradução proposta apenas em negrito, cada um referenciado pela linha em que se encontra em seu respectivo texto. O texto original e a tradução podem ser encontrados em anexo.

Por se tratar de um texto que narra a história de um refugiado nos E.U.A., o nome da sua etnia de origem, hmong, aparece com certa frequência no texto. Inicialmente questionou-se se seria necessário inserir uma nota de rodapé na tradução explicando brevemente quem são os hmong. Porém, de acordo com Nicholas Tapp, professor do setor de antropologia da Universidade Nacional da Austrália, o número de hmongs no país norte-americano, onde o texto foi escrito e divulgado, não é muito significativo, (em torno de 170.000 pessoas) (TAPP, 2010), concluindo assim, que para a maioria dos leitores da língua inglesa o termo também não é conhecido, e, portanto, foi uma opção da autora não incluir essa informação no texto original. Sabendo que é possível realizar pesquisas na língua portuguesa e obter informações suficientes para entender um pouco sobre essa etnia, optou-se por seguir a escolha da autora, e não inserir uma nota de rodapé.

Levando em conta ainda que Bee, o narrador do texto, não domina a língua em que está falando (aspecto que será discutido em seguida), percebeu-se que o seu dialeto não é informal, e não apresenta erros que poderiam ser comumente cometidos em dialetos de estrangeiros. Por exemplo, logo no início do texto, no trecho ***“Time cannot erase my memories of fear and shame. It has been over a quarter of a century since we left Ban Vinai Refugee Camp and there are things that I still cannot speak of.”*** (l. 1), em que um dialeto de fala informal norte-americana poderia conter certas diferenças, como por exemplo *“Time can’t erase my*

memories of fear and shame. It's been more than twenty-five years since we left Ban Vinai Refugee Camp and there are things that I still can't talk about."

Sobre escolha da autora em retratar a fala do narrador dessa forma, é possível inferir que é devido à maneira que ele teve de aprender o inglês. Como ele mesmo relata, há contato com os noticiários norte-americanos: "***I tell them to watch CNN and MSNBC with me. I turn on Fox News sometimes so they know that life is full of difference in opinions and ideas.***" (l. 38), que costumam usar um linguajar formal. Além da possibilidade de ter feito aulas de inglês como língua estrangeira, como é comum nos Estados Unidos, sendo ensinada a ele também a forma culta (ESL DIRECTORY, 2016).

Em contrapartida, o dialeto usado não causa estranhamento ao leitor pelo excesso de formalidade. Palavras como "*want*" são usadas em lugar de "*wish*", "*didn't*" em lugar de "*did not*", "*could*" em lugar de "*were allowed*", e assim por diante.

Dessa forma, buscou-se fazer o mesmo na tradução para o português, ou seja, procurando um caminho intermediário entre formalidade e linguajar padrão, em outras palavras: não representar tanto uma forma do dialeto do português falado como língua materna no Brasil, mas cuidando para que não haja excesso de formalidade que cause estranhamento ao leitor. Algumas estratégias serão destacadas a seguir.

A linguagem da personagem Bee também representa a visão de mundo que ele tem, ou seja, sua insegurança com relação a quem ele é nos Estados Unidos. Por exemplo, o trecho "***There have been moments in each of these jobs when my supervisors said in different ways, 'Bee, you are not here to talk to me. You are here to talk to machines.'***" (l. 20), logo no início do texto, seguido por "***In America, my voice is only powerful within our home. The moment I exit our front door and enter the paved roads, my deep voice loses its volume and its strength. When I speak English, I become like a leaf in the wind.***" (l. 23), indica que essa insegurança resulta da tentativa de se comunicar que foi frustrada por pessoas com autoridade sobre ele, e teve consequências sobre a sua comunicação com outros.

Além disso, em busca de outros textos de Kao Kalia Yang, foi encontrado um website da autora, em que ela inclui trechos de artigos que escreveu e relata algumas experiências pessoais, através deles também foi possível concluir que há uma marca de estilo pessoal de textos escritos por Yang. É possível inferir que há

neles uma influência do ritmo da fala da sua língua materna, e, conseqüentemente, também do narrador do texto, e um dos objetivos dessa tradução é não interferir nesse estilo. Pelo contrário, o intuito é permitir que a sua voz seja reconhecida mesmo através da tradução, sendo a presença do tradutor menos perceptível possível, reiterando a opinião de Paulo Henriques Britto quando afirma que o leitor deve poder dizer que leu um texto do autor original, neste caso de Kao Kalia Yang, e não uma adaptação (BRITTO, 2012; p. 34).

Outro aspecto que se destacou na realização deste trabalho foi a repetição de algumas palavras ao longo do texto, especialmente nomes próprios, sobre as quais é possível inferir que são consequência do pouco domínio do idioma da parte do narrador, gerando repetições de palavras, por exemplo em:

I was an assembler in a company that made coolant systems for cars. I was a general machinist for a second company that made wooden plaques and metal awards. With the most recent company, I was a second-shift polisher for different components that are used in industries such as canning and oil drilling. (l. 16).

e em:

I rarely have anything to show from my home. I tell Chue that I don't need an evening meal because I have to lose weight. I have type 2 diabetes. [1]The truth is that I don't want Chue to pack me any food because she no longer cooks the more delicate and time-consuming Hmong food we both enjoyed. (l. 113).

Apesar dessa repetição não ser grande em números (“Chue” aparece onze vezes em seis parágrafos, “Kalia” vinte e três vezes em dezesseis parágrafos e “company” vinte e três vezes em seis parágrafos), ela é perceptível e chama a atenção do leitor. Para “Chue”, que se refere à personagem esposa do narrador, o mesmo poderia ter optado pelo uso de “my wife” no lugar do nome próprio, porém, o único caso em que a palavra é usada não se refere especificamente à esposa de Bee, o narrador, mas à esposa de um colega de trabalho: ***“One of my coworkers won the affection of his wife by saying to her, ‘I think you are so beautiful that when we die, I want to be buried underneath you so that your life juices can drip down on me.’”*** (l. 128).

O nome “Kalia”, por sua vez, é substituído pela palavra “*daughter*” três vezes, porém, ao analisar o contexto de suas aparições concluiu-se que tal substituição foi intencional, tendo um propósito específico para marcar a relação afetiva, mas ao mesmo tempo de autoridade do narrador com relação à personagem. Na primeira situação: “***It was not only that I was embarrassed; I didn’t want my daughter to be embarrassed by me.***” (l. 173), em consulta ao médico, Bee sente-se envergonhado pela situação em que sua saúde se encontra, e confessa que não gostaria que Kalia, como sua filha, sentisse vergonha dele. Nesse caso, entende-se que a escolha do uso de “filha” ao invés do nome próprio se dá para ressaltar a relevância da situação em que o pai se encontra, não querendo que uma de suas filhas se sinta constrangida por ele, efeito que seria mais sutil se tivesse sido optado pelo uso do nome próprio.

Na segunda situação em que “Kalia” é substituído por “*daughter*”: “***I could see Chue get more and more agitated as Kalia went on. I tried to interrupt my daughter, but to no avail. Finally, I said, ‘Enough.’***” (l. 196), nota-se o desejo de demonstrar autoridade. Ou seja, Bee encontra-se em uma posição em que não se agrada da atitude da filha, apesar de seu desejo ser o de ajudar, e por isso recorre para sua autoridade como pai para que Kalia pare de falar, e nesse caso especificamente, causar preocupação em Chue, sua mãe. Entende-se assim, mais uma vez, a intenção por trás do uso da palavra “*daughter*” em lugar do nome próprio.

Na Terceira e última situação:

I brought the company’s letter of response back to show Kalia. I was happy that my daughter had helped me. I was hopeful that perhaps now that the company knew that I had daughters who could write letters like that, they might be more careful in how they treated me. (l. 209).

percebe-se um sentimento de orgulho da parte do pai, ao relatar que sua própria filha poderia ajudá-lo. Isso se deve especialmente pelo tom de insegurança que o narrador demonstra ter consigo mesmo, especialmente com o seu inglês: “***In America, my voice is only powerful within our home. The moment I exit our front door and enter the paved roads, my deep voice loses its volume and its strength. When I speak English, I become like a leaf in the wind.***” (l. 23). Desta forma, assim como com relação às pausas mencionadas acima, ao realizar a

tradução foram mantidas também as repetições, mantendo, conseqüentemente, o estilo do texto original também na tradução.

Nesse aspecto, de insegurança com relação às circunstâncias e à fala, é possível abordar a identidade híbrida que a personagem incorporou em decorrência de sua situação. Ao longo do texto Bee mostra, apesar das dificuldades que enfrentou, o carinho que sente pela sua pátria, pois percebe que lá tinha a segurança e a sensação de ser alguém. Em seu novo lar o hmong foi obrigado a se apropriar de uma língua nova, um emprego novo e uma cultura nova, e se sente humilhado, numa condição de fraqueza. A respeito desse assunto, é interessante a abordagem da crítica literária Gayatri Chakravorty Spivak, em que se questiona, em termos pós-coloniais, se o subalterno tem o direito de falar.

Spivak discute a afirmação de Foucault de que se dada uma oportunidade, o oprimido pode falar e saber suas condições, e questiona se, levando em conta o contexto de trabalho, de educação e as leis que os cercam, o subalterno realmente tem voz (SPIVAK, 2002). Representando exatamente o que é retratado no texto em questão: apesar de ter um lar e um emprego que o sustente, a personagem descreve a si mesma como uma folha, sem raiz, sem segurança (l. 29).

Com relação ao texto em si, inicialmente, é interessante destacar o tamanho das frases usadas pelo narrador pode-se citar exemplos como os seguintes trechos:

All of us are wearing the blue-lined shirts and the dark blue cotton-and-polyester-blended pants. Our pants are bunched up at our ankles because they are too long for us. In the sun, most of our balding heads are gleaming. It is our favorite part of the photo. (l. 95).

e ***“Each week, I came home with pockets full of lottery tickets and asked my children to check the winning numbers online. I always began by saying, ‘Just in case our lives are going to change.’”*** (l. 221). A primeira decisão tomada a respeito dessa questão havia sido omitir alguns pontos finais, ou substituí-los por vírgulas, para que ao ler o texto traduzido, não houvesse um número tão grande de pausas entre cada oração. Mas, optou-se por manter todos os pontos finais e vírgulas na mesma posição em que a autora os colocou. Assim como na decisão sobre a nota de rodapé para a palavra *hmong*, essa decisão também foi fundamentada no argumento de que a autora optou por manter o texto nesta forma, e poderia ter feito a configuração de outra maneira, se desejado. Compreendeu-se

também que esse estilo foi usado intencionalmente, como uma ferramenta para marcar quão pouco o narrador do texto, o hmong Bee, domina e se sente à vontade no uso da língua inglesa, representando através desse ritmo de fala a sua limitação, aspecto que pode ser comprovado, por exemplo, pela necessidade da presença da filha em sua ida ao médico (l. 181), para que a comunicação fosse possível.

Ainda no que se refere à presença da palavra “*daughter*” no texto, é interessante ressaltar que pelo fato dos nomes “Dawb” e “Kalia” serem estrangeiros e desconhecidos na cultura ocidental, sem fazer pesquisas não é possível saber se referem-se a nomes femininos ou masculinos. O texto informa que Kalia é do sexo feminino a partir do trecho “***Kalia drove into the parking lot of the big gray building I worked in. She tried my cell phone but I didn’t pick up.***” (l. 55).

Com relação ao sexo do segundo filho, é interessante ressaltar que na língua inglesa não há marca de gênero nos substantivos, ou seja, quando no português o falante ou escritor teria a opção de dizer ou escrever “minhas filhas” e “elas”, no inglês os termos usados são sempre os neutros “*my children*”, e “*they*”, o que coopera para que o leitor demore a compreender se os filhos são um casal ou duas meninas. O primeiro trecho do texto que atribui um sexo aos filhos é: “***I want one son or daughter to cross over the petty barriers erected by nations and states and stand firm for those who do not belong to these definitions.***” (l. 36), induzindo o leitor a concluir que sendo Kalia do sexo feminino, resta para Dawb representar o sexo masculino. Porém, ao pesquisar sobre a família da autora, foi possível descobrir que um dos motivos da ida da família Yang aos Estados Unidos foi a pressão que o patriarca sofreu para deixar sua esposa, pois depois de dar à luz à segunda filha, ela passou por seis abortos, não conseguindo dar a ele um filho do sexo masculino (MAIXIONG_VG, 2010).

No texto, o gênero do seu segundo filho apenas fica claro mais adiante, a partir do trecho “***Other than the rare meals my daughters drop off, usually a few items from an Asian deli, I usually go to work with fruit if there is any in the house***” (l. 123), ou seja, é a primeira vez que o narrador se refere a ambas, Dawb e Kalia, como suas filhas, do sexo feminino. O que é confirmado mais adiante no trecho “***I was hopeful that perhaps now that the company knew that I had daughters who could write letters like that, they might be more careful in how they treated me.***” (l. 210). A partir desta leitura, foi possível chegar à conclusão de

que Dawb é uma menina. A referência do preconceito é uma experiência vivida pela autora e sua família, um jogo de sentidos entre a realidade ficcional e a realidade verdadeira. Assim, conforme a leitura da história da família, é possível que o leitor infira que a demora em deixar claro, assumir, qual o sexo do segundo filho seja intencional, marcando um vestígio da cultura de origem que ficou no narrador.

Porém, na língua portuguesa a marcação de gênero em substantivos é obrigatória, e apesar de ser possível traduzir “*my children*” por “as crianças” (sem o pronome possessivo, conforme corriqueiramente usado no português brasileiro), ocultando o gênero, logo no primeiro parágrafo, por exemplo, no trecho “***They have never asked me and I have never said.***” (l. 7), a presença do pronome pessoal com marcação de gênero é inevitável na tradução, a não ser que a oração seja traduzida como passiva. Tendo em mente que na língua portuguesa as orações costumam ser ativas, que tais alterações teriam que ser feitas diversas vezes ao longo da tradução, e que o uso do pronome “eles” traria uma compreensão errada ao leitor, optou-se por permitir que fique claro ao leitor desde o início que se tratam de duas meninas, filhas, apesar da perda de sentido e de marca do estilo do texto original que isso causa.

Ainda no que concerne a orações ativas e passivas, pelo mesmo motivo anteriormente relatado, quando possível, as orações passivas foram traduzidas como ativas: “***Our pants are bunched up at our ankles because they are too long for us.***” (l. 97), traduzido como: “**Nós dobramos a barra da calça, porque ela é muito comprida para nós.**” (l. 110).

Outra questão levada em conta ao realizar a tradução do texto foi a presença de termos, expressões e nomes pertencentes à cultura norte-americana, mas que são desconhecidos para o leitor brasileiro com pouco conhecimento dessa cultura. Alguns exemplos são a menção dos canais de TV norte-americanos CNN, MSNBC, em “***I tell them to watch CNN and MSNBC with me. I turn on Fox News sometimes so they know that life is full of difference in opinions and ideas.***” (l. 38). As unidades de medida em “***A six-foot-tall chain-link fence separated this parking lot and building from the others.***” (l. 61), e em “***He was concentrating so hard that he didn’t notice her until she was about ten feet away, standing still, watching.***” (l. 244). E ainda a presença de uma marca de sabonete: “***Each night, we are careful to take off our uniforms, get into the factory showers, and scrub***

with lava soap before going home to the wives and children who wait for us." (l. 141).

Conforme mencionado no referencial teórico, Britto defende a ideia de que uma tradução completamente estrangeirizadora ou domesticadora não é possível, sendo necessário optar por um caminho intermediário (BRITTO, 2012; p. 61). Da mesma forma, para cada uma destas situações foram tomadas decisões individuais, ou seja, não foram criadas regras ou padrões a serem seguidos, pois elas foram individualmente consideradas, levando em conta a relevância do termo no texto e sua presença nele. Por exemplo, para o caso dos canais de TV norte-americanos e para a marca de sabonete Lava¹, apesar de provavelmente desconhecidos para o público-alvo, priorizou-se manter os nomes originais, para que o leitor se aproxime das experiências pelas quais o narrador do texto, Bee, passa como um estrangeiro no país, lembrando que o objetivo deste trabalho é que o leitor tenha contato com uma história de migração e adaptação, e através dela compreenda um pouco melhor as situações que estrangeiros enfrentam em seu novo lar.

Em contrapartida, as unidades de medida anteriormente mencionadas foram adaptadas para o Sistema Internacional de Unidades (SI), para que o leitor compreenda o que está sendo mensurado no texto. Ou seja, ao ler que Kalia estava há seis pés de distância de seu pai, um leitor brasileiro sem conhecimento das unidades de medida americanas (que é o mais provável) não compreenderá qual é a distância (ou proximidade) entre ambos, o que pode de certa forma prejudicar a compreensão desse trecho. Assim sendo, na tradução realizada consta "**a uns três metros de distância**" (l. 281).

Paulo Henriques Britto sugere também que marcas de oralidade sejam mantidas em traduções, permitindo que elas sejam o mais verossimilhante possível da língua falada pelo leitor. De acordo com ele "A boa marca de oralidade é aquela que provoca um efeito de verossimilhança sem chamar demais a atenção para si própria" (BRITTO, 2012; p. 101).

Uma das marcas de oralidade mencionadas pelo autor que facilmente se destaca como divergente das regras gramaticais vigentes na língua portuguesa

¹ De acordo com o website da marca de sabonete Lava, desenvolvida em 1893, a marca é usada com o intuito de lavar mãos sujas por contato com materiais pesados. Ainda de acordo com ela, ao longo dos anos a marca conquistou a reputação de ser usada em mãos extremamente sujas, não importando onde o sujeito estiver e nem quão sujas estão as suas mãos (LAVA, 2017).

escrita, é a substituição da ênclise (e principalmente da mesóclise) pela próclise. Na língua portuguesa esse aspecto tem sido cada vez mais omitido até mesmo na escrita, com exceção de textos acadêmicos (BRITTO, 2012; p. 101). Portanto, não serão encontrados casos de ênclise (nem mesóclise) na tradução. Exemplos em que a próclise está presente incluem: **“Eu penso que ver elas felizes, seguras e bem-sucedidas me dará energia para sobreviver mais um dia e que esse dia vai se transformar em anos.”** (l. 51) e **“Ela se ofereceu para comprar uma máscara igual aquelas que as pessoas da Ásia usavam na televisão durante a epidemia da gripe aviária.”** (l. 210).

Com relação aos pronomes de sujeito Britto sugere que, apesar de estudantes da língua portuguesa serem ensinados que o pronome do sujeito oculto é uma ferramenta necessária para evitar a repetição excessiva de pronomes, a oralidade do falante do português brasileiro não segue esse padrão. Assim, o autor aconselha que eles sejam mantidos (BRITTO, 2012; p. 100).

Portanto, na tradução foram também mantidas as repetições presentes no texto original. No trecho a seguir, por exemplo, os pronomes foram mantidos para marcar a oralidade, mas também por se tratarem de uma ferramenta de marcação, em que o narrador gostaria de deixar claro que ele faz apenas estas coisas: ***“I say thank you. I say goodbye. I only speak English at work when it is necessary.”*** (l. 28). Em que a tradução realizada é **“Eu cumprimento as pessoas. Eu peço informação. Eu digo obrigado. Eu digo tchau. Só falo inglês no trabalho quando necessário.”** (l. 33).

Porém, Britto alerta para que o tradutor seja cauteloso para que esses pronomes não se tornem excessivamente repetitivos ao ouvido do leitor. Assim, no trecho a seguir, por exemplo, a tradução omitiu certos pronomes para evitar o excesso e o estranhamento da parte do leitor:

My children ask if they can come to work with me. I tell them no. I tell them that the jobs I do are not in spaces that are safe for children. I tell them that they are not the kind of workplaces that I want them to ever know. They say that I cannot hide my world from them. (l. 51).

sendo a tradução:

As minhas filhas perguntam se podem ir pro trabalho comigo. Eu digo não. Digo que os trabalhos que eu faço não são em lugares seguros

para crianças. Digo que é o tipo de lugar que desejo que elas nunca conheçam. Elas dizem que não posso esconder o meu mundo delas. (l. 57).

De acordo com o tradutor, “Na maioria dos falares brasileiros, tende-se a usar artigo definido antes de nome próprio, quando se trata de referências a pessoas próximas aos interlocutores ou bem conhecidas por eles” (BRITTO, 2012; p. 102). Mas, sendo os nomes Dawb, Kalia e Chue intraduzíveis para o português brasileiro, quando precedidos por artigos sua sonoridade não era natural, portanto nesse caso eles não foram incluídos. Apesar disso, foram incluídos artigos em frente a pronomes possessivos, como por exemplo em: “***She saw the dark hair of familiar men, men like her uncles, men like her father, standing beside tall machines.***” (l. 234), para a tradução: “**Viu o cabelo escuro de homens que eram familiares para ela, homens como os seus tios, homens como o seu pai, parados do lado de máquinas altas.**” (l. 269).

Em contrapartida, pronomes pessoais que se referem a situações óbvias foram omitidos. Por exemplo: “***I had told her many times that I was not allowed to use my phone while working.***” (l. 56). A tradução omitiu o possessivo “*my*”, pois o leitor saberá que se trata do celular do narrador, e não de outra pessoa: “**Várias vezes eu havia dito a ela que eu não tinha permissão para usar o celular enquanto trabalhava.**” (l. 63).

O singular para se referir a um par e para generalizações, conforme fazemos no português brasileiro, foi usado para que a tradução se tornasse verossímilante (BRITTO, 2012; p. 102): “***When the big company took over, I had to wear blue-lined shirts that said whom I worked for.***” (l. 80). Para: “**Quando a empresa grande tomou conta, eu tive que usar uma camisa listrada azul que dizia para quem eu trabalhava.**” (l. 91). O trecho “***I try to soften my landing in the language by leaving pauses between each word.***” (l. 26), também foi traduzido deixando “*pauses*” no singular: “**Eu tento suavizar o meu pouso no idioma dando uma pausa entre cada palavra.**” (l. 31).

Para alguns termos foi necessária uma pesquisa mais aprofundada para compreensão de qual tradução seria a mais adequada. Nesses casos, a ferramenta de comunicação entre tradutores, o Proz®, foi usada para pedir opiniões e sugestões de outros profissionais e amadores. Os termos pesquisados foram

“*general machinist*”, em “***I was a general machinist for a second company that made wooden plaques and metal awards.***” (l. 17); “*milky growth*” em “***My eyes looked blurry, the milky growth that covered the brown of my pupils seemed bigger, and the red veins that fanned across the white of my eyes were thick.***” (l. 253), e “*wash of liquid*”, em “***I saw the wash of liquid in Kalia’s gaze.***” (l. 256).

Para “*general machinist*” foi sugerida apenas uma tradução: “operador de máquinas”, com a qual dois outros membros do website Proz® concordaram, portanto, esta foi a tradução usada: “**Fui operador de máquinas numa segunda empresa que produzia placas comemorativas de madeira e troféus de metal.**” (l. 20). Para “*milky growth*” foram sugeridas as traduções “película translúcida”, “espessamento/formações esbranquiçados(as)”, “nebulosidade crescente cobrindo minhas pupilas”, e “mancha leitosa”. A tradução usada foi “**Os meus olhos estavam embaçados, a coisa branca que cobria o marrom das minhas pupilas parecia maior, e as veias vermelhas que corriam pelo branco dos meus olhos estavam grossas.**” (l. 291), pois compreendeu-se que o uso de “*milky growth*” no original representa a descrição simples de um leigo sobre algo que o incomoda na vista. Assim, as traduções sugeridas seriam um tanto formais (exceto “mancha leitosa”), levando em conta ainda o uso do narrador de uma língua estrangeira, na qual é possível inferir que ele não saberia se expressar dessa forma. No que concerne à sugestão “mancha leitosa”, apesar de ser a expressão que mais se aproxima a uma tradução literal do termo original, entendeu-se que “coisa branca”, não sugerida no website, é mais clara em reproduzir o sentido que foi passado, e mais receptível ao português brasileiro.

E enfim, para a expressão “*wash of liquid*” a única opção sugerida foi “lágrimas”, com a qual três outros tradutores concordaram e sugeriram ainda que se usasse “véu de lágrimas”. Ao pesquisar no Google® a expressão “véu de lágrimas” foram mostrados apenas resultados em que ela aparece em contextos literários, ou seja, não para aspectos biológicos ou físicos, como seria, por exemplo, em um site de medicina, mostrando que assim como ocorreu no texto original, é para uso literário apenas, e não um termo técnico. Portanto a tradução final foi “**Eu vi o véu de lágrimas no olhar fixo de Kalia.**” (l. 294).

E por fim, é interessante comentar ainda duas escolhas feitas, em: “***I try to soften my landing in the language by leaving pauses between each word. I***

wrestle with my accent until it is a line of breath in the tightness of my throat.” (l. 26), em que o verbo “*land*” do qual “*landing*” é derivado, de acordo com o dicionário inglês Merriam-Webster, literalmente significa “retornar ao solo ou outra superfície após um voo”, sendo nesse trecho usado de maneira não literal para ilustrar que a medida em que as palavras saem da sua boca, elas soam turbulentas, ou severas, como o pouso de um avião, e por isso o narrador tenta suavizá-las. Nesse caso, a solução para a tradução foi o uso do termo equivalente “pouso”: **“Eu tento suavizar o meu pouso no idioma dando uma pausa entre cada palavra. Eu brigo com o meu sotaque até que ele vire um fio de fôlego no nó da minha garganta.”** (l. 31), tendo o entendimento de que a compreensão do trecho não é afetada, e de que a ideia da metáfora pôde ser mantida em ambas situações.

E ainda: ***“How Kalia must have seen me: an aging, bald man standing beside a machine the size of a small SUV, staring intently at a laser beam.”*** (l. 242). Para o falante da língua inglesa o termo “*SUV*” refere-se a um veículo grande, usado para transportar entre cinco a oito pessoas, e com amplo espaço para as malas no bagageiro. Porém, para alguns falantes da língua portuguesa “*SUV*” remeteria a esse sentido, e para outros não. Levando em consideração que não há sigla equivalente no português, a solução encontrada para esse caso foi manter o termo “*SUV*”: **“Como Kalia deve ter me visto: um homem que está envelhecendo, careca, parado do lado de uma máquina do tamanho de um SUV, encarando o raio do laser atentamente.”** (l. 278).

A justificativa para essa, e as outras decisões que foram tomadas ao longo da tradução, é que para o processo foram levados em conta os três passos mencionados na metodologia: 1) leitura do texto, de outros textos da autora e sobre seus contextos; 2) ato da tradução; 3) revisão da tradução, buscando torná-la verossimilhante a um texto em português, ou seja, evitando marcas estrangeirizantes. Objetivando, conforme incentivado por Britto: “recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada” (BRITTO, 2012; p. 47).

Para que a literariedade pudesse ser preservada, foi importante não só a compreensão do texto original, mas também responder às perguntas do escopo da tradução (para que, por que, como e para quem seria realizada esta tradução). Sendo o objetivo a sua acessibilidade a leitores da língua portuguesa para seu

contato com um texto sobre a migração e seus desafios, compreendeu-se que seria possível publicar a tradução proposta em veículos de publicação da Universidade Federal do Paraná, como, por exemplo, os jornais que são produzidos e circulam no curso de Letras, e que conseqüentemente os leitores seriam professores e jovens universitários, portanto, com um nível de escolaridade e acesso a informações suficientes para compreensão de termos como “*SUV*”, por exemplo. Justificando, assim, as escolhas feitas.

4. CONCLUSÃO

No trabalho exposto, foi proposta uma tradução de um trecho de “Cry of Machines”, escrito pela autora hmong Kao Kalia Yang, levando em conta as proposições do tradutor Paulo Henriques Britto, cujo viés tradutório é pertencente à vertente Hermenêutica. A escolha do texto levou em consideração a repercussão recente de grandes ondas de migração de países como a Síria, em especial da foto do menino Aylan Kurdi, de três anos, sem vida em uma praia após o naufrágio do bote que seria a solução para a sua saída do país. O objetivo dessa proposta foi tornar o texto acessível a falantes da língua portuguesa, permitindo assim uma nova possibilidade de contato com uma história sobre a migração e seus desafios, e a aproximação a novas culturas.

Metodologicamente, a tradução foi realizada em três etapas, conforme o proposto:

- 1) Leitura do texto escolhido: leitura do texto escolhido, conforme recomendado pela professora e tradutora Rosemary Arrojo, assim como sobre o autor e seu contexto para melhor compreensão do texto e seus significados (ARROJO, 2002).
- 2) Primeira tradução do texto: nessa etapa o texto foi traduzido pela primeira vez, fazendo uma marcação em termos que posteriormente precisaram ser revisados, e das escolhas que foram comentadas.
- 3) Revisão da tradução: com o texto já traduzido, nessa etapa foi realizada uma leitura da tradução, atentando-se a questões que seriam comentadas no presente trabalho, assim como estilos que poderiam ser específicos da escritora e palavras que foram usadas repetidas vezes de maneira intencional.

Dentre as opções de opiniões e vertentes sobre o assunto da tradução, conforme mencionado acima, a hermenêutica foi escolhida como o pilar principal para a realização deste trabalho, pela sua valorização em manter a identidade do autor do texto original na tradução, sendo a função do tradutor apenas a sua transposição, buscando manter os significados e discursos do texto traduzido o mais próximos possíveis do original. Porém, por não apresentar estratégias para a realização prática da tradução, foram levados em conta também o Escopo da Tradução, defendido por Hans Josef Vermeer, e a importância da leitura e pesquisa

sobre outras obras e a vida do autor, de acordo com a tradutora brasileira Rosemary Arrojo.

A escolha pela vertente hermenêutica, com o apoio de pensamentos de Vermeer e de Arrojo foi ideal para que fosse possível uma compreensão aprofundada do texto escolhido, permitindo maior precisão na tomada de decisões, de acordo com o objetivo que foi proposto atingir. Em outras palavras, através dessa escolha o olhar intercultural foi aprimorado, e elementos dos estudos interculturais puderam interferir de maneira benéfica nas decisões de vocabulários, expressões e estratégias usadas. Ao mesmo tempo, foi necessário inferir sobre detalhes do texto com certa frequência, o que não havia sido previsto inicialmente, mas provou-se indispensável, lembrando a afirmação de Paulo Henriques Britto de que é impossível compreender todos os sentidos de um texto, e reiterando com a colocação de Chau, de que nenhuma tradução conseguirá representar o texto de chegada por completo e que a compreensão nem sempre poderá ser explicada (BRITTO, 2012; p. 24) (CHAU *apud* PYM, 2014, p. 99).

Da mesma forma, o caminho seguido para a realização desse trabalho permitiu a discussão e a reflexão de assuntos que foram além da tradução. Em especial, a inserção de pessoas refugiadas, como Kao Kalia Yang, na economia e no mundo literário. Conforme anteriormente discutido, a crítica literária Gayatri Chakravorty Spivak questiona se o subalterno tem voz e pode ser ouvido em seu novo contexto de vida. Sua conclusão mostra que fora de seu lar o subalterno não tem oportunidade para se manifestar, porém, como crítica e professora, Spivak busca fazer o possível para que essa situação mude (SPIVAK, 2002).

No que diz respeito à voz de Kao Kalia Yang como subalterna, em outras palavras, como imigrante nos Estados Unidos tentando sua inserção na literatura americana e global, é interessante destacar que a publicação de um trecho de “Cry of Machines” no website Granta é uma ferramenta que permite que sua voz seja ouvida, assim como a representação de seu trabalho. Especialmente levando em conta que o website dá atenção especial para obras britânicas, americanas, espanholas e brasileiras somente (GRANTA, 2017).

Da mesma maneira, a tradução de uma obra escrita por um autor subalterno permite que a sua voz seja mais amplamente ouvida. A tradução do texto de Yang para o português dá a ela a oportunidade de ser ouvida nas culturas

falantes dessa língua, em outras palavras, é dado um novo acesso ao Brasil a uma obra escrita por hmong habitante dos Estados Unidos da América.

Nesse sentido, é interessante destacar que o processo da tradução foi especialmente desafiador. Comumente uma tradução terá que lidar com duas culturas diferentes, a de saída e a de chegada. Neste caso, porém, o texto é originalmente intercultural por envolver uma família estrangeira em um país diferente do seu lar em termos de localização, língua e cultura, fazendo com que ao ser traduzido, entre em contato com uma terceira cultura. Consequentemente, o processo da tradução envolveu buscar conhecimento sobre a cultura de origem da família retratada, seguido por tentar compreendê-los em um novo lar, para então trabalhar em uma tradução para uma terceira cultura, sem perder os aspectos anteriormente identificados.

No que concerne a tradução, em seu livro “A Tradução Literária”, Paulo Henrique Britto brilhantemente conclui:

O mundo está cheio de leitores interessados em obras escritas em idiomas que eles desconhecem. Como tradutores, nossa tarefa é aproximar esses leitores tanto quanto possível dessas obras. As soluções que encontramos são sempre provisórias, relativas, incompletas, mas isso não nos incomoda tanto assim. Pois não somos apenas nós, tradutores, que somos obrigados a aceitar soluções imperfeitas: nenhuma atividade humana complexa chega à perfeição, ainda que a ela aspire e a tome como meta. (BRITTO, 2012; p. 153).

Assim, entende-se que o resultado final é relativo; por alto, não existem escolhas certas e erradas, apenas escolhas que soam mais adequadas ao tradutor, que podem ou não agradar o leitor. E ainda assim, essas escolhas podem perder sua validade a medida em que o tempo passar e vocabulários, expressões e estratégias sofrerem mudanças e entrarem em desuso.

REFERÊNCIAS

ACTIOIN AID. Crise dos Refugiados da Síria. **Action Aid**. Disponível em: <<http://www.actionaid.org.br/stories/crise-dos-refugiados-da-siria>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

ARROJO, R. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ARROJO, R. **Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da Inocência**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 53-69, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5064/4567>>. Acesso em 15 de set. de 2016.

BARBOSA, A. Haitianos Enfrentam Dificuldades para Conseguir Emprego no Brasil. **Globo**: Cuiabá, 07/09/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/09/haitianos-enfrentam-dificuldades-para-conseguir-emprego-no-brasil.html>>. Acesso em: 19 de mar. de 2016.

BARBOSA, H. G. Proposta de Caracterização dos Procedimentos Técnicos da Tradução. *In*. _____. **Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990. pp. 63-77.

BRITO, M. Os Quatro Tipos de Amor. Disponível em <<http://www.institutogamaliel.com/portaldateologia/wp-content/uploads/wp-post-to-pdf-enhanced-cache/1/os-quatro-tipos-de-amor.pdf>>. Acesso em 16 de mar. de 2016.

BRITTO, P. H. **A Tradução Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Caldas Aulete. Aulete **Digital – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>.

CATFORD, J., C. **Uma Teoria Linguística da Tradução**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

Dicionário de Sinônimos Online de Português do Brasil. 2011. <<http://www.sinonimos.com.br/referencia/>>.

ESL DIRECTORY. **United States ESL Schools and Programs**. Disponível em: <<http://www.esldirectory.com/esl-program-search/usa/>>. Acesso em: 24 de out. de 2016.

GLOBO, Menino Sírio que Morreu Afogado na Turquia é Enterrado em Kobane. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/menino-sirio-que-morreu-afogado-na-turquia-e-enterrado-em-kobane.html>>. Acesso em: 19 de mar. de 2016.

GRANTA: the magazine of new writing. Londres: Granta Publications. Disponível em <<https://granta.com/>>. Acesso em 23 de jan. de 2017.

FREITAS, E. de. As Etnias do Brasil. **Mundo Educação**. UOL. [201-?]. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/as-etnias-no-brasil.htm>>. Acesso em 14 de set. de 2016.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. *In*. VENUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004 (2. ed.). pp. 138-143.

KERN, D. O Conceito de Hibridismo Ontem e Hoje: ruptura e contato. **Métis: História & Cultura**, v. 3, n. 6. jul./dez. 2004. P. 53-70.

LAVA. Lava Soap. Disponível em: <<http://www.lavasoap.com/>>. Acesso em: 03 de jan. de 2017.

MAIXIONG_VG. Kao Kalia Yang, a Hmong Writer. **Hmongza**. Tailândia: 07 de abr. de 2010. Disponível em: <<http://www.hmongza.com/index.php?/topic/46441-kao-kalia-yang-a-hmong-writer/>>. Acesso em 29 de ago. de 2016.

Merriam-Webster.com. 2011. Disponível em <<http://www.merriam-webster.com>>.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>.

MOUNIN, G. **Os Problemas Teóricos da Tradução**. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

NIDA, E. Principles of Correspondence. *In*. VENUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004 (2. ed.). pp. 153-167.

OWENS, C. W. **Hmong Cultural Profile**. Ethno Med: Seattle, 01/05/2007. Disponível em: <<https://ethnomed.org/culture/hmong/hmong-cultural-profile>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

PYM, A. **Exploring Translation Theories**. 2. ed. New York: Routledge, 2014.

REISS, K. Type, Kind and Individuality of Text: decision making in translation. *In*. VENUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004 (2. ed.). pp. 168-179.

RICHARD, I. Mais de 3,5 Mil Migrantes Morrem na Travessia do Mediterrâneo em 12 meses. **Agência Brasil**, Brasília, 25/08/2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-08/mais-de-35-mil-migrantes-morrem-na-travessia-do-mediterraneo-em-12>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

SCHLEIERMACHER, F. **Hermeneutics and Criticism**: and other writings. Nova York: Cambridge University Press, 1998. Traduzido por: Andrew Bowie.

SPIVAK, G. C. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (Ed.). **The Post-Colonial Studies Reader**. Londres e Nova York: Routledge, 2002. p. 24.

STATISTA. **Number of Refugees and Internally Displaced Persons Worldwide from 2000 to 2014**. The Statistics Portal, Alemanha, 2016. Disponível em: <<http://www.statista.com/statistics/268702/number-of-refugees-and-internally-displaced-persons-worldwide-since-2000/>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

STORCK, D. F; JANZEN, H. E. **Autoria, Intervenções e Deslocamento Cultural**: uma análise intercultural. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 1, jan. mar. 2013. p. 319-337. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.

TAPP, N. **Hmong**: people. Britannica. Mar. de 2010. Disponível em: <<https://global.britannica.com/topic/Hmong>>. Acesso em 29 de ago. de 2016.

TOURY, G. The Name and Role of Norms in Translation. In: VENUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004 (2. ed.). pp. 205-218.

YANG, K. K. **Cry of Machines**. Granta: Londres. Disponível em: <<http://granta.com/cry-of-machines/>>. Acesso em: 19 de mar. de 2016.

_____. Kao Kalia Yang, 2015. Disponível em: <<http://www.kaokaliayang.com/>>. Acesso em 19 de mar. de 2016.

VERMEER, H. J. Skopos and Comission in Translational Action. In: VENUTI, L. (org.). **The Translation Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004 (2. ed.). pp. 227-238.

ANEXOS

Anexo I – Um trecho de Cry of Machines, por Kao Kalia Yang

Time cannot erase my memories of fear and shame. It has been over a quarter of a century since we left Ban Vinai Refugee Camp and there are things that I still cannot speak of. I am not afraid of Dawb and Kalia asking me whether I carried illegal drugs to make money or to avoid death. I am afraid of them seeing the shame
 5 on my face, shame on a face they know as good, a person they know as true, a man who teaches them scruples and honor, decency of heart, and fearlessness of mind. They have never asked me and I have never said. When we see reminders on television about the dangers of a life caught in crime and corruption, I know my face crumples in compassion. I, their father, who speaks of the world in terms of right and
 10 wrong, who tells them that each heart, no matter the circumstance, must do what is right, disappears, and in his place is a man they've only seen through the shadows of memory, of nightmares past, a man who has nothing to say.

*

Still, none of the work I did in Ban Vinai Refugee Camp has prepared me for what America would bring. My life in America has been a series of days spent within
 15 the confines of factories. For the last twenty-two years, I have worked with machines. Since we came to this country I have worked for three different companies. I was an assembler in a company that made coolant systems for cars. I was a general machinist for a second company that made wooden plaques and metal awards. With the most recent company, I was a second-shift polisher for different components that
 20 are used in industries such as canning and oil drilling. There have been moments in each of these jobs when my supervisors said in different ways, 'Bee, you are not here to talk to me. You are here to talk to machines.'

In America, my voice is only powerful within our home. The moment I exit our front door and enter the paved roads, my deep voice loses its volume and its
 25 strength. When I speak English, I become like a leaf in the wind. I cannot control the direction my words will fly in the ear of the other person. I try to soften my landing in the language by leaving pauses between each word. I wrestle with my accent until it is a line of breath in the tightness of my throat. I greet people. I ask for directions. I

say thank you. I say goodbye. I only speak English at work when it is necessary. I
30 don't like the weakness of my voice in English, but what I struggle with most is the
weakness of my words.

In Hmong, my children hear so much of my words that sometimes I know
they become heavy with the meaning I want to impart. I tell my children that my work
in America is not important, but I work hard so that one day their work will be. I tell
35 them that my big dream is for one of them to become an international human rights
lawyer and bring justice to stories and lives like ours. I want one son or daughter to
cross over the petty barriers erected by nations and states and stand firm for those
who do not belong to these definitions. I try to prepare them in the ways I know how. I
tell them to watch CNN and MSNBC with me. I turn on Fox News sometimes so they
40 know that life is full of difference in opinions and ideas. I tell them to look at the world
around them, but always to hear it first. I tell them so much that they grow tired of
hearing my words, my dreams for their future lives and their future jobs, their future
selves.

Sometimes, I see the exhaustion on their young faces. I find myself wanting
45 to fast-forward to the future to see where they will one day be. I think that seeing
them happy and safe and successful will give me energy to get through one more
day and that that day will turn into years. Except I know that the price for the future is
the present, and I am much weaker than they believe me to be: as I was in Thailand
before the men with guns, I am in America before the men in suits.

50 I am not proud of the jobs I have done. I have never invited my children to
visit on 'Bring Your Children to Work Day.' My children ask if they can come to work
with me. I tell them no. I tell them that the jobs I do are not in spaces that are safe for
children. I tell them that they are not the kind of workplaces that I want them to ever
know. They say that I cannot hide my world from them. They are right.

*

55 Kalia drove into the parking lot of the big gray building I worked in. She tried
my cell phone but I didn't pick up. I had told her many times that I was not allowed to
use my phone while working. Kalia left me a message. She had brought me lunch,
spring rolls and an aloe drink; she wanted to put it inside my car, but she didn't have

the key. She said she would hide the food under a bush or beside a tree except there
60 was no greenery in sight. I worked in a concrete lot. Even the buildings were cement,
painted gray. A six-foot-tall chain-link fence separated this parking lot and building
from the others. Kalia said that she would figure out what to do.

Kalia must have noticed that the entry door to the company was open. She
had never been inside a factory before. She must have been curious.

65 Kalia opened the front entry to find herself in a small space with two glass
doors opposite each other. She saw that the door to the left led to an office area with
a reception desk, the place where management worked. The door to the right led
directly to a space the size of an elementary school gymnasium. The ceilings were
high, the walls were bare, and the area was well lit. Large machines the size of
70 Dumpsters, dining tables, and large furnaces were stationed throughout the space.

I had been working at this place for nearly a decade. It was the largest
manufacturer of hard materials in the world. I was one of forty-one thousand global
employees. I had been working for a small Minneapolis tooling company but in 2004
the bosses sold it to the international corporation. When the ownership changed,
75 there were new rules for us to follow and new people were flown in to oversee us.
The company sent men from Europe and South America. The new management
asked no questions about us, the fifteen Hmong men on the second shift, a small
percentage of their large workforce.

The hardest rule for me was the introduction of work uniforms. I could no
80 longer go to work in my jeans, safety toe boots, and button-up shirts. When the big
company took over, I had to wear blue-lined shirts that said whom I worked for. The
company name was stenciled into the shirt and underneath it in small black letters
was my name, Bee, followed by the word 'Polisher.' The uniforms differentiated the
factory workers from the office workers. The office workers could wear suits and ties.
85 The secretaries continued wearing their turtlenecks and sweaters. Only my friends
and I, the factory workers, had to wear the uniforms.

The big company sent a photographer to take a picture of the second-shift
workers. When I showed Chue the photograph, she placed it on the refrigerator, next
to the children's school pictures. In the photo, I am standing slightly apart from the

90 group of men. My hands are on either side of my body. I am almost smiling because I had to rush from my station to get outside for the photograph, and the energy of the run and the fresh air had made me happy that day. It was a reprise from the continual hum of the machines. In the photograph, my shoulders are straight and I am raising my head at a high angle. There are about thirty to forty people in the photo, but I and
95 my Hmong friends get to stand in front because we are shorter than the rest. All of us are wearing the blue-lined shirts and the dark blue cotton-and-polyester-blended pants. Our pants are bunched up at our ankles because they are too long for us. In the sun, most of our balding heads are gleaming. It is our favorite part of the photo.

My friends and I know each other well. We have a thirty-minute meal break
100 every evening (our shift runs from 4:00 p.m. until midnight). We gather in the company's break room, a sterile cement and glass enclosure in the middle of the high-ceilinged factory. In this room, the company has set up a few tables. We sit close to each other over coolers full of Tupperware dishes. All the men, except for me because I have asked Chue not to pack me a meal, bring dishes of steamed rice
105 and an entrée, usually greens with pork, beef, or chicken. Some of them, the hunters, bring more delicate dishes of carefully seasoned squirrel, bear, venison, or duck meat. The aroma of lemongrass and hot chili with caramelized onions and garlic heating in the microwave makes each of the men hungry, particularly me and the conscientiously healthy ones who look upon bowls of clear broth and blanched
110 greens. Mealtime is the moment in our work shifts when we get to bring pieces of our homes to work. Through the food we bring, we show how well we are treated by our wives and children and how much we are loved.

I rarely have anything to show from my home. I tell Chue that I don't need an evening meal because I have to lose weight. I have type 2 diabetes. [1]The truth is
115 that I don't want Chue to pack me any food because she no longer cooks the more delicate and time-consuming Hmong food we both enjoyed. She suffers from carpal tunnel in both hands and is in a long recovery from shoulder surgery after years of working in a bank vault pushing heavy carts, carrying banker's boxes, and shelving and pulling mortgage loan files; Chue can no longer stir, cut, or use both her hands
120 without feeling pain. There is also the fact of Chue's personality. She has never been the type of woman to invest time in the kind of battles that my coworkers wage

against each other using food from home. She says the search for leverage in the world using Tupperware containers is futile and pathetic. Other than the rare meals my daughters drop off, usually a few items from an Asian deli, I usually go to work
125 with fruit if there is any in the house.

Although most nights I have no food to eat with the men, I sit with them at the tables. The men make jokes and laugh at each other. They compare pickup lines from long ago. (One of my coworkers won the affection of his wife by saying to her, ‘I
130 think you are so beautiful that when we die, I want to be buried underneath you so that your life juices can drip down on me.’) They also talk more seriously about all the things that are happening in the world. Many of them listen to the local news. A few of them know how to use the Internet to find international radio programs in languages they can speak well, Thai or Lao. There is always a great deal to talk about. We reminisce about the past, nostalgically recalling the lives we lived in Laos.
135 Many of us carry memories of fleeing from our homes, dodging bullets and bombs, and growing hungry and thin in the jungles. Sometimes, when things aren’t going well at home, we counsel each other on the best options for going forward. Many of the men come to me for my advice. I love many of the men I work with; they make the hours beneath the bright lights of the factory and the fall of carbide particles
140 bearable.

Each night, we are careful to take off our uniforms, get into the factory showers, and scrub with lava soap before going home to the wives and children who wait for us. We all know that we work with carbide particles. We know that carbide particles cause hard-metal lung disease. Each of us is aware that the glittering
145 particles in the air of the factory are dangerous. The whirling fans that spread the shine do not help our odds. We are confined by the knowledge: every job kills you eventually. Some jobs kill you with a single carefully weighted bullet, while others kill you slowly by floating the pieces and particles of metal over time.

I don’t talk with my children about the dangers of the flecks of metal that float
150 around me – just as I don’t talk about the dangers of the job I did in Thailand.

The only reason the children know about the carbide particles is that several years ago, I was asked to report to work early every day. I came home with a cough that wouldn’t go away. It lasted for months, a dry cough that caused my body to

spasm, both during the day and through the night. I drank different cough syrups
155 from the store, but nothing was helping. Chue made me herbal teas but they didn't
work. Finally, we decided it was time for one of the kids to take me to the doctor.

At the doctor's office, he wanted to know if there were any factors in my life
that could be causing the cough. Through Kalia, I told the doctor that I had been
going to work early, and at work, because the first-shift workers were still in their
160 positions, I had to polish metal on a table without a vent or a fan. I explained that I
had been breathing in the carbide particles directly. The doctor was surprised by my
work conditions.

He started to ask a question, but instead he said, 'There's nothing I can do
for the cough. You have to have your children write the company and request the
165 installation of a vent.'

I told Kalia to explain to him that I had spoken to my supervisor about the
situation. The first time the man had waved me off, saying, 'Bee, just work.' When the
cough would not stop and the family grew concerned, I tried to speak to the
supervisor again. The supervisor walked away as if he had not heard a thing.

170 I coughed so much telling the story that I grew embarrassed before the
doctor. I didn't want to make him uncomfortable. I used my hands to cover my mouth,
but I noticed how the deep lines in the cracks of my hands looked as if they had been
dipped in chalk powder against my skin. It was not only that I was embarrassed; I
didn't want my daughter to be embarrassed by me.

175 The doctor shook his head at my story, suggested we get a humidifier for the
house, and said that there was no medicine for the problem we were dealing with. He
said it was beyond the reach of medicine.

At home, Chue told me to take better care of myself at work. She suggested I
turn away from any carbide particles I saw in the air. She told me to try to breathe
180 through my nose only, to remember to close my mouth the whole time I was
polishing. She offered to go buy me a mask like the ones the people in Asia were
wearing on television during the bird flu epidemic. I told her I would be careful. I told
her that a mask would interfere with my vision and that would be even more

dangerous than the coughing. Chue patted me on the shoulder like a sympathetic
185 friend.

After the doctor's visit, Kalia did not say much to me. She went down to the
basement to the little closet room that the children used as an office. The room was
big enough for a bookshelf and a desk. We had the old Sony desktop in the room,
the first computer we ever bought for the kids. Ten years old and it was still working.
190 Surrounded by peeling wallpaper, old blue flowers that bubbled in odd places,
sagged, and drooped, Kalia did research on carbide particles.

When Kalia came upstairs, Chue and I were sitting on the back patio, looking
over the prairie grass and catching the evening breeze. She interrupted us and told
us what she had found out about carbide particles and hard-metal lung disease. She
195 talked about the increased rates of lung cancer for workers around the world who
worked in the metal industry. I could see Chue get more and more agitated as Kalia
went on. I tried to interrupt my daughter, but to no avail. Finally, I said, 'Enough.'

She said, 'You have been working with metal for the last twenty-two years in
America, Daddy.'

200 Kalia handed me a letter and told me it was for the company's human
resource team. I asked her what it said. She explained that it was a letter outlining
the situation and a request for the company not to ask me to go to work without the
proper vents and safety precautions. I didn't know if the letter would work but I took it
with me and gave it to the supervisor and told him it was for HR.

205 The company responded quickly and swiftly the next day. A fan was brought
in to help direct the flow of carbide particles away from me. The supervisor came with
a sheet of paper and asked me to sign on the line saying they had solved the
problem. I signed it.

I brought the company's letter of response back to show Kalia. I was happy
210 that my daughter had helped me. I was hopeful that perhaps now that the company
knew that I had daughters who could write letters like that, they might be more
careful in how they treated me. Kalia's eyes scanned over the letter, but she did not
look pleased by it.

In Kalia's silence, I told her about how my coworkers and I were initiating a
215 program to potentially get lucky in life.

Each week, most of us Hmong men pooled our dollars to buy communal
lottery tickets. We do Mega Millions for fun but we prefer Powerball. The numbers are
always automatically generated. The men who buy the tickets make copies of the
lottery tickets so that we each know exactly how many tickets have been purchased
220 and what the numbers are.

Each week, I came home with pockets full of lottery tickets and asked my
children to check the winning numbers online. I always began by saying, 'Just in case
our lives are going to change.'

The children accepted the black-and-white printout of lottery tickets from my
225 hands. The full-size sheets of paper were folded and crumpled from being in my
pockets. They smoothed them on the dining table. They went on the Internet and
checked. Sometimes I could tell they didn't want to. Sometimes they told me that the
lottery system is a ruse to win money from the poor and the hopeful. They were not
willing to see that poor and hopeful is exactly what their father was.

230 Kalia stood on the outside of the glass door to the company where I worked.
She knew I didn't want her there. I guess she wanted to breathe the air that I
breathed. She wanted to know the place. Perhaps she was tired of imagining the
space. Kalia turned the handle, and the door opened.

Kalia walked into the big room. She saw the dark hair of familiar men, men
235 like her uncles, men like her father, standing beside tall machines. Each was in his
uniform, performing the duties specified for his position. Kalia walked into the room
and a few of my coworkers recognized her. I had shown them the photographs of my
children I carried in my wallet. The men greeted her with quick hand raises, quick
smiles, and quick motions of the shoulder toward my station. None of them were in a
240 position where they could stop the machines and show her where I was. They helped
her helplessly.

How Kalia must have seen me: an aging, bald man standing beside a
machine the size of a small SUV, staring intently at a laser beam. The man was
positioning light on metal. He was concentrating so hard that he didn't notice her until

245 she was about ten feet away, standing still, watching. The machines were loud. She
could hear gears running, pistons working, pressure being released. From
somewhere behind her a piece of metal fell to the ground. The man did not look up.
He finished his task. She could feel the air in his chest, the heat of his focus. The
man straightened, he looked up and around. When he saw her, he put up his hand,
250 protected his eyes, adjusted something inside, and then walked toward her. He
stopped on his way. The machines hummed around them.

For the first time, she saw me the way I see myself: much older than she
wanted her young father to be. My eyes looked blurry, the milky growth that covered
the brown of my pupils seemed bigger, and the red veins that fanned across the
255 white of my eyes were thick.

I saw the wash of liquid in Kalia's gaze. I had not wanted her to see how I
worked and what I worked with. I had not wanted her to see me this way.

My right hand went to my nose, an unconscious gesture for Kalia not to
breathe in the air.

260 *Excerpted from Kao Kalia Yang's forthcoming memoir, The Song Poet.*

[1] On November 9, 2000, Acting Secretary Hershel Gober announced that the US government would pay for the treatment of type 2 diabetes for US veterans exposed to Agent Orange during the Vietnam War. Research has shown that exposure to Agent Orange and type 2 diabetes is linked. My father and many of the Hmong men who currently live with type 2 diabetes are not considered veterans of war, so they manage the diseases as best they can on their own despite the fact that many of them were exposed to Agent Orange during the war as children and as US soldiers.

Anexo II – Tradução proposta: **Um trecho de O Choro das Máquinas, por Kao Kalia Yang**

O tempo não pode apagar as minhas lembranças de medo e vergonha. Faz mais de vinte e cinco anos que nós saímos do Campo de Refugiados Ban Vinai no Laos, e ainda têm coisas que eu não consigo mencionar. Não tenho medo que Dawb e Kalia me perguntem se eu mexi com drogas ilegais para conseguir dinheiro ou para evitar a morte. Tenho medo que elas vejam a vergonha no meu rosto, vergonha em um rosto que conhecem como bom, uma pessoa que conhecem como verdadeira, um homem que as ensina escrúpulos e honra, a ter um coração honesto e uma mente livre do medo. Elas nunca me perguntaram e eu nunca contei nada. Quando a televisão nos lembra dos perigos de uma vida levada no crime e na corrupção, sei que o meu rosto se contorce em compaixão. Eu, o seu pai, quem fala do mundo em termos de certo e errado, quem lhes diz que todo coração, não importa a circunstância, deve fazer o que é certo, desapareço, e em seu lugar fica um homem que elas só viram pelas sombras da memória, de pesadelos antigos, um homem que não tem nada para dizer.

*

Ainda assim, nenhum trabalho que fiz no Campo de Refugiados Ban Vinai me preparou para o que eu enfrentaria nos Estados Unidos. Minha vida nos Estados Unidos tem sido uma série de dias perdidos confinado em fábricas. Nos últimos vinte e dois anos eu tenho trabalhado com máquinas. Desde que viemos para este país já trabalhei para três empresas diferentes. Fui montador em uma empresa que produzia sistemas de refrigeração para carros. Fui operador de máquinas numa segunda empresa que produzia placas comemorativas de madeira e troféus de metal. Na empresa mais recente, eu trabalhei no segundo turno, como polidor de diferentes componentes usados nas indústrias, como por exemplo, para a indústria de enlatados e de extração de petróleo. Em cada um desses empregos tive momentos em que o meu supervisor de algum jeito me disse: “Bee, você não está aqui para falar comigo. Você está aqui para falar com as máquinas”.

Nos Estados Unidos, a minha voz só tem poder dentro da nossa casa. No momento em que eu saio pela porta da frente para as ruas asfaltadas, a minha voz

grave perde volume e força. Quando falo inglês, fico como uma folha ao vento. Não
30 consigo controlar em qual direção as minhas palavras vão voar dentro do ouvido da
outra pessoa. Eu tento suavizar o meu pouso no idioma dando uma pausa entre
cada palavra. Eu brigo com o meu sotaque até que ele vire um fio de fôlego no nó
da minha garganta. Eu cumprimento as pessoas. Eu peço informação. Eu digo
obrigado. Eu digo tchau. Só falo inglês no trabalho quando necessário. Não gosto
35 da fraqueza da minha voz em inglês, mas o meu maior conflito é com a fraqueza
das minhas palavras.

Em hmong, as minhas filhas ouvem tanto as minhas palavras que eu sei que
às vezes elas ficam pesadas com o sentido que eu quero dar. Eu falo para as
minhas filhas que o meu trabalho nos Estados Unidos não é importante, mas que
40 eu me esforço para que um dia o trabalho delas seja. Eu digo para elas que o meu
maior sonho é que uma delas se torne uma advogada de direitos humanos
internacional e traga justiça para histórias e vidas como as nossas. Eu quero que
um filho ou filha atravesse as barreiras insignificantes erguidas pelas nações e
estados e defenda pessoas que não se encaixam nessas definições. Eu tento
45 preparar elas do jeito que sei. Eu falo para elas assistirem CNN e MSNBC comigo.
Às vezes eu ligo na Fox News para elas saberem que a vida é cheia de diferenças
em opiniões e ideias. Eu falo para elas olharem o mundo a sua volta, mas, sempre
ouvir primeiro. Eu falo tanto que elas até cansam de ouvir as minhas palavras,
meus sonhos para as suas futuras vidas e futuros empregos, os seus futuros “eus”.

50 Às vezes, vejo o cansaço nos seus jovens rostos. Eu me pego querendo
avançar para o futuro para ver onde elas chegarão. Eu penso que ver elas felizes,
seguras e bem-sucedidas me dará energia para sobreviver mais um dia e que esse
dia vai se transformar em anos. Mas sei que o preço do futuro é o presente, e sou
bem mais fraco do que elas pensam: na Tailândia eu estava em frente a homens
55 com armas, e nos Estados Unidos eu estou em frente a homens em ternos.

Eu não me orgulho dos empregos que tive. Nunca convidei as minhas filhas
para virem para o trabalho comigo nos Dias da Família na Empresa. As minhas
filhas perguntam se podem ir pro trabalho comigo. Eu digo não. Digo que os
trabalhos que eu faço não são em lugares seguros para crianças. Digo que é o tipo

60 de lugar que desejo que elas nunca conheçam. Elas dizem que não posso esconder o meu mundo delas. Elas estão certas.

*

Kalia entrou no estacionamento do prédio grande e cinza em que eu trabalhava. Ela tentou me ligar no celular, mas eu não atendi. Várias vezes eu havia dito a ela que eu não tinha permissão para usar o celular enquanto trabalhava. Kalia
65 deixou uma mensagem. Ela tinha me trazido almoço, rolinhos primavera e um refresco de aloe; ela queria colocar tudo dentro do meu carro, mas não tinha a chave. Ela disse que ia esconder a comida debaixo de um arbusto ou do lado de uma árvore, mas não tinha nada verde em vista. Eu trabalhava num terreno de concreto. Até os prédios eram de concreto, pintados de cinza. Uma tela de arame de
70 quase dois metros de altura separava esse estacionamento e o prédio dos outros. Kalia disse que daria um jeito.

Kalia deve ter percebido que a porta de entrada da empresa estava aberta. Ela nunca tinha entrado numa fábrica antes. Ela deve ter ficado curiosa.

Kalia abriu a porta da frente e entrou num pequeno espaço com duas portas
75 de vidro paralelas uma à outra. Ela viu que a porta da esquerda levava a uma área de escritórios com uma mesa de recepção, o lugar onde a gerência trabalhava. A porta à direita levava diretamente a um espaço do tamanho de um ginásio de escola. O teto era alto, as paredes lisas e a área era bem iluminada. Máquinas grandes do tamanho de caçambas de lixo, mesas de jantar, e fornalhas enormes
80 ocupavam todo espaço.

Eu estava trabalhando nesse lugar fazia quase uma década. Era a maior fábrica de materiais duros do mundo. Eu era um dos 41.000 empregados espalhados pelo globo. Eu tinha trabalhado para uma pequena fábrica de ferramentas em Minneapolis, mas em 2004 os chefes venderam ela para uma
85 corporação internacional. Quando os donos novos chegaram, eles impuseram novas regras para seguirmos e contrataram pessoas novas para nos supervisionar. A empresa mandou homens da Europa e da América do Sul. A gerência nova não fez nenhuma pergunta sobre nós, os quinze homens hmong do segundo turno, uma pequena porcentagem da imensa força de trabalho da empresa.

90 A regra mais difícil para mim foi a adoção de uniformes de trabalho. Eu não
podia mais trabalhar de jeans, botas de segurança e camisa. Quando a empresa
grande tomou conta, eu tive que usar uma camisa listrada azul que dizia para quem
eu trabalhava. O nome da empresa estava estampado na camisa, e em baixo
estava o meu nome, Bee, em letrinhas pretas, seguido pela palavra 'Polidor'. Os
95 uniformes diferenciavam os funcionários da fábrica dos funcionários do escritório.
Os funcionários do escritório podiam usar terno e gravata. Os secretários
continuaram a usar camisas com gola e suéteres. Só os meus amigos e eu, os
funcionários da fábrica, tínhamos que usar uniformes.

A empresa grande mandou um fotógrafo para tirar uma foto dos funcionários
100 do segundo turno. Quando mostrei a foto para Chue, ela colocou na porta da
geladeira, do lado das fotos de escola das crianças. Na foto, eu estou levemente
afastado do grupo de homens. Estou com os braços esticados do lado do corpo. Eu
estou quase sorrindo porque tive que sair correndo da minha estação para ir para
fora tirar a foto, e a energia da corrida e o ar fresco me deixaram feliz naquele dia.
105 Foi revigorante ficar um pouco longe do zumbido constante das máquinas. Na
fotografia, os ombros estão retos e a cabeça está bem erguida também. Tem mais
ou menos de trinta a quarenta pessoas na foto, mas eu e os meus amigos hmong
tivemos que ficar na frente, porque somos mais baixos que o resto. Todos nós
estamos usando a camisa com listras azuis e a calça de algodão e poliéster azul
110 escura. Nós dobramos a barra da calça, porque ela é muito comprida para nós. No
sol, a maioria das nossas cabeças carecas está brilhando. Essa é a nossa parte
preferida da foto.

Os meus amigos e eu nos conhecemos bem. Toda noite nós temos um
intervalo de trinta minutos para comer (o nosso turno é das quatro horas da tarde
115 até meia-noite). Nós nos reunimos na sala de intervalo da empresa, uma sala estéril
de cimento e vidro no meio das paredes altas da fábrica. Nessa sala, a empresa
colocou algumas mesas. Nós nos sentamos perto um do outro com isopores cheios
de potes Tupperware. Todos os homens, menos eu, porque eu pedi para Chue não
me mandar comida, trazem pratos de arroz cozido no vapor e uma entrada,
120 normalmente salada com carne de porco, de boi ou de frango. Alguns deles, os
caçadores, trazem pratos mais finos de carne de esquilo, urso, veado ou pato,

cuidadosamente temperada. O aroma de capim-limão e comida apimentada com cebolas caramelizadas e alho esquentando no micro-ondas deixa os homens com fome, especialmente eu e os conscientemente saudáveis que estão diante de
125 tigelas de caldo de sopa e salada cozida. A hora da refeição é o momento dos nossos turnos em que podemos trazer um pedaço das nossas casas para o trabalho. Pela comida que trazemos, mostramos quão bem tratados somos pelas nossas esposas e filhos, e quanto somos amados.

Eu raramente tenho alguma coisa de casa para mostrar. Eu falo para Chue
130 que não preciso de um jantar à noite porque tenho que perder peso. Eu tenho diabetes tipo 2. [1] A verdade é que eu não quero que Chue prepare comida para mim porque ela já não cozinha a comida hmong que nós dois gostávamos, que é mais delicada e consome mais tempo de preparo. Ela sofre da síndrome do túnel carpal nas duas mãos e está passando por um longo período de recuperação de
135 uma cirurgia no ombro, depois de anos trabalhando em um caixa-forte empurrando carrinhos pesados, carregando caixas de banqueiros, e arquivando e pegando arquivos de empréstimos para compra de imóveis; Chue não consegue mais cortar, misturar ou usar as duas mãos sem sentir dor. Também tem a questão da personalidade de Chue. Ela nunca teve o perfil de mulher que investe tempo no tipo
140 de batalha que os meus colegas de trabalho criam usando a comida de casa. Ela diz que a busca por poder no mundo usando potes Tupperware é fútil e patética. Com exceção das raras refeições que as minhas filhas trazem para mim, normalmente algumas coisas de culinária asiática, eu geralmente levo uma fruta para o trabalho, se tiver alguma em casa.

145 Apesar de, na maioria das noites, não ter comida para comer com os homens, eu sento com eles à mesa. Eles fazem piadas e riem uns dos outros. Eles comparam cantadas antigas. (Um dos meus colegas conquistou o afeto da sua esposa dizendo para ela 'Eu acho que você é tão linda que, quando eu morrer, quero ser enterrado em baixo de você para os fluidos da sua vida pingarem em
150 mim'). Eles também conversam mais seriamente sobre todas as coisas que estão acontecendo no mundo. Vários ouvem as notícias locais. Alguns sabem usar a internet para achar programas de rádio internacionais em línguas que sabem falar bem, tailandês ou laociano. Sempre tem bastante assunto para conversarmos. Nós

falamos sobre o passado, nostalgicamente lembrando da vida que vivemos em
155 Laos. Vários de nós carregamos memórias da fuga das nossas casas, nos
esquivando de balas e bombas, e passando fome e emagrecendo nas selvas. Às
vezes, quando as coisas não vão bem em casa, nos aconselhamos uns aos outros
com as melhores opções para seguir em frente. Vários dos homens vêm me pedir
conselho. Eu amo muitos dos homens com quem trabalho; eles tornam suportáveis
160 as horas debaixo das luzes claras da fábrica e a queda de partículas de carvão.

Todas as noites nós tiramos o uniforme com cuidado, entramos de baixo dos
chuveiros da fábrica, e nos esfregamos com sabonete da marca Lava antes de ir
para casa para as esposas e filhos que nos esperam. Todos sabemos que
trabalhamos com partículas de carvão. Nós sabemos que partículas de carvão
165 causam doença pulmonar por metal duro. Cada um de nós está ciente de que as
partículas brilhantes no ar da fábrica são perigosas. Os ventiladores que giram
espalhando as partículas brilhantes não trabalham a nosso favor. Estamos
confinados pelo conhecimento: toda profissão mata mais cedo ou mais tarde.
Algumas profissões matam com uma única bala medida com precisão, enquanto
170 outras matam lentamente ao longo do tempo com pedaços e partículas flutuantes de
metal.

Eu não converso com as minhas filhas sobre o perigo dos pontinhos de
metal que flutuam à minha volta – assim como não falo dos perigos do trabalho que
fiz na Tailândia.

175 O único motivo pelo qual as crianças sabem das partículas de carvão é que
vários anos atrás me foi pedido que chegasse mais cedo no trabalho todos os dias.
Eu voltava para casa com uma tosse que não ia embora. Durou meses, uma tosse
seca que fazia o meu corpo sofrer espasmos, tanto durante o dia quanto ao longo da
noite. Eu tomei tipos diferentes de xarope para tosse da farmácia, mas nada
180 ajudava. Chue preparou chás de ervas mas não funcionaram. Enfim, decidimos que
era hora de uma das crianças me levar no médico.

No consultório médico, ele quis saber se tinha algum motivo na minha vida
que poderia estar causando a tosse. Através da Kalia, contei para o médico que eu
estava indo trabalhar cedo e que, no trabalho, pelo fato de os trabalhadores do

185 primeiro turno ainda estarem nas suas posições, eu tinha que polir metal em uma mesa sem ventilação ou um ventilador. Eu expliquei que vinha respirando partículas de carvão diretamente. O médico ficou surpreso com as minhas condições de trabalho.

190 Ele começou a fazer uma pergunta, mas ao invés disso ele disse ‘Eu não posso fazer nada pela tosse. Você tem que pedir para as suas filhas escreverem para a fábrica e pedirem que seja instalada uma ventilação’.

195 Eu pedi para Kalia explicar para ele que eu tinha conversado com o meu supervisor sobre a situação. Na primeira vez o homem fez um sinal de desprezo com a mão dizendo ‘Bee, vai trabalhar’. Quando percebemos que a tosse não estava parando, e a minha família começou a se preocupar, eu tentei conversar com o supervisor mais uma vez. O supervisor foi embora como se não tivesse ouvido nada.

200 Eu tossi tanto enquanto contava a história que fiquei com vergonha na frente do médico. Eu não queria deixar ele constrangido. Eu usei as mãos para cobrir a boca, mas percebi como as rachaduras das minhas mãos estavam profundas, como se tivessem sido mergulhadas em pó de giz. Não era só que eu estava com vergonha; eu não queria que a minha filha ficasse com vergonha de mim.

205 O médico balançou a cabeça quando ouviu a minha história, sugeriu que arranjássemos um vaporizador para a nossa casa, e disse que não tinha remédio para curar o problema com que estávamos lidando. Ele disse que isso ia além do alcance da medicina.

210 Em casa, Chue pediu para eu me cuidar mais comigo mesmo no trabalho. Ela sugeriu que eu desviasse de qualquer partícula de carvão que visse no ar. Ela me disse para tentar respirar só pelo nariz, lembrar de fechar a boca enquanto fazia o polimento. Ela se ofereceu para comprar uma máscara igual aquelas que as pessoas da Ásia usavam na televisão durante a epidemia da gripe aviária. Eu falei para ela que me cuidaria. Eu disse que a máscara interferiria na minha visão e que isso seria ainda mais perigoso do que a tosse. Chue me deu um tapinha no ombro, como um amigo solidário.

215 Depois da visita ao médico, Kalia não conversou muito comigo. Ela foi para o
porão, para o quartinho que as crianças usavam como escritório. O quarto tinha
espaço suficiente para uma estante de livros e uma escrivaninha. Nós deixávamos
o velho desktop da Sony no quarto, o primeiro computador que compramos para as
crianças. Com dez anos de idade ele ainda funcionava. Circundada por um papel
220 de parede que estava descascando, flores azuis e velhas, descolado e caído, Kalia
pesquisou sobre partículas de carbetto.

Quando Kalia subiu do porão, Chue e eu estávamos sentados nos fundos,
olhando o gramado e aproveitando a brisa de fim de tarde. Ela nos interrompeu e
contou o que tinha achado sobre partículas de carbetto e doença pulmonar causada
225 por metal duro. Ela falou sobre os índices crescentes de câncer de pulmão em
trabalhadores do mundo todo que trabalhavam na indústria metalúrgica. Eu percebi
que Chue estava ficando cada vez mais agitada enquanto Kalia falava. Tentei
interromper a minha filha, mas sem sucesso. Enfim, eu disse 'Já chega'.

Ela disse 'Você tem trabalhado com metal nos últimos vinte e dois anos nos
230 Estados Unidos, papai'.

Kalia me deu uma carta e disse que era para o departamento de Recursos
Humanos da empresa. Eu perguntei para ela o que estava escrito. Ela explicou que
era uma carta que resumia a situação e com um pedido para que a empresa não
me pedisse para ir trabalhar sem a ventilação e as medidas de segurança
235 adequadas. Eu não sabia se a carta funcionaria, mas levei comigo, entreguei para o
supervisor e disse que era para o RH.

A empresa respondeu rápida e imediatamente no dia seguinte. Um
ventilador foi trazido para ajudar a direcionar as partículas de carbetto para longe de
mim. O supervisor veio com uma folha de papel e me pediu para assinar na linha
240 dizendo que eles tinham resolvido o problema. Eu assinei.

Eu trouxe a carta de resposta da empresa de volta para casa para mostrar
para Kalia. Eu estava feliz que a minha filha tinha me ajudado. Eu estava torcendo
pra que talvez agora que a empresa sabia que eu tinha filhas que podiam escrever
cartas como aquela, eles seriam mais cuidadosos no jeito que me tratavam. Os
245 olhos de Kalia passaram sobre a carta, mas ela não pareceu satisfeita.

Por causa do silêncio de Kalia, eu contei para ela sobre como os meus colegas e eu estávamos começando um programa para potencialmente ter sorte na vida.

250 Toda semana, a maioria de nós hmongs fazia uma vaquinha para comprar bilhetes de loteria juntos. Nós jogamos na Mega Millions por que é divertido, mas preferimos a Powerball. Os números sempre são gerados automaticamente. Os homens que compram os bilhetes fazem cópias dos bilhetes da loteria para cada um de nós saber exatamente quantos bilhetes foram comprados e quais são os números.

255 Toda semana, eu vinha para casa com os bolsos cheios de bilhetes de loteria e pedia para as minhas filhas verificarem os números vencedores online. Eu sempre começava dizendo ‘Caso as nossas vidas estejam para mudar’.

260 As crianças recebiam a impressão preto e branca de bilhetes lotéricos das minhas mãos. As folhas de papel estavam dobradas e amassadas de ficarem nos bolsos. Elas desdobravam as folhas em cima da mesa de jantar. Iam na internet e verificavam. Às vezes eu percebia que elas não queriam fazer isso. Às vezes me diziam que o sistema lotérico é um jeito de ganhar dinheiro dos pobres e esperançosos. Elas não queriam ver que pobre e esperançoso é exatamente o que o pai delas era.

265 Kalia ficou parada do lado de fora da porta de vidro da empresa onde eu trabalhava. Ela sabia que eu não queria ela lá. Acho que ela queria respirar o ar que eu respirava. Queria conhecer o lugar. Talvez estivesse cansada de imaginar o lugar. Kalia girou a maçaneta, e a porta abriu.

270 Kalia entrou no galpão. Viu o cabelo escuro de homens que eram familiares para ela, homens como os seus tios, homens como o seu pai, parados do lado de máquinas altas. Cada um estava usando uniforme, exercendo as atividades específicas da sua função. Kalia entrou no galpão e alguns dos meus colegas a reconheceram. Eu tinha mostrado para eles as fotos das minhas filhas, que carregava na carteira. Os homens a cumprimentaram com acenos rápidos, sorrisos rápidos, e movimentos rápidos com os ombros indicando a direção do meu posto.

275

Nenhum deles estava num lugar em que pudesse parar as máquinas e mostrar para ela onde eu estava. Eles ajudaram sem poder ajudar.

280 Como Kalia deve ter me visto: um homem que está envelhecendo, careca, parado do lado de uma máquina do tamanho de um SUV, encarando o raio do laser atentamente. O homem estava posicionando a luz no metal. Ele estava tão concentrado que não percebeu a sua presença até que ela estava a uns três metros de distância, parada, olhando. As máquinas eram barulhentas. Ela ouvia as engrenagens rodando, os pistões funcionando, pressão sendo solta. Em algum lugar atrás dela caiu um pedaço de metal no chão. O homem não mexeu o olhar.

285 Ele terminou a sua tarefa. Ela podia sentir o ar dentro do peito dele, o calor da sua concentração. O homem ficou ereto, olhou para cima e ao redor. Quando a viu, levantou a mão, protegeu os olhos, ajeitou alguma coisa por dentro, e caminhou em sua direção. Ele parou no meio do caminho. As máquinas trabalhavam em volta deles.

290 Pela primeira vez, ela me viu do jeito que eu me vejo: muito mais velho do que ela gostaria que seu jovem pai fosse. Os meus olhos estavam embaçados, a coisa branca que cobria o marrom das minhas pupilas parecia maior, e as veias vermelhas que corriam pelo branco dos meus olhos estavam grossas.

295 Eu vi o véu de lágrimas no olhar fixo de Kalia. Não queria que ela tivesse visto como eu trabalhava e com o que eu trabalhava. Não queria que me visse desse jeito.

A minha mão direita foi em direção ao nariz, um gesto inconsciente para que Kalia não inalasse o ar.

Extraído do livro de memórias de Kao Kalia Yang, The Song Poet.

[1] No dia 09 de novembro de 2000 Hershel Gober, secretário em exercício, anunciou que o governo americano pagaria pelo tratamento de diabetes do tipo 2 para veteranos de guerra do Estados Unidos expostos ao Agente Laranja durante a guerra do Vietnã. As pesquisas mostram que a exposição ao Agente Laranja e diabetes tipo 2 estão relacionados. O meu pai e muitos dos hmongs que atualmente vivem com diabetes tipo 2 não são considerados veteranos de guerra, por isso eles lidam com as

doenças da maneira que podem, apesar de vários deles terem sido expostos ao Agente Laranja durante a guerra quando crianças e como soldados dos Estados Unidos.

Anexo III – Texto original e texto traduzido, lado a lado

Texto original	Texto traduzido
<p>Time cannot erase my memories of fear and shame. It has been over a quarter of a century since we left Ban Vinai Refugee Camp and there are things that I still cannot speak of. I am not afraid of Dawb and Kalia asking me whether I carried illegal drugs to make money or to avoid death. I am afraid of them seeing the shame on my face, shame on a face they know as good, a person they know as true, a man who teaches them scruples and honor, decency of heart, and fearlessness of mind. They have never asked me and I have never said. When we see reminders on television about the dangers of a life caught in crime and corruption, I know my face crumples in compassion. I, their father, who speaks of the world in terms of right and wrong, who tells them that each heart, no matter the circumstance, must do what is right, disappears, and in his place is a man they've only seen through the shadows of memory, of nightmares past, a man who has nothing to say.</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<p>O tempo não pode apagar as minhas lembranças de medo e vergonha. Faz mais de vinte e cinco anos que nós saímos do Campo de Refugiados Ban Vinai no Laos, e ainda têm coisas que eu não consigo mencionar. Não tenho medo que Dawb e Kalia me perguntem se eu mexi com drogas ilegais para conseguir dinheiro ou para evitar a morte. Tenho medo que elas vejam a vergonha no meu rosto, vergonha em um rosto que conhecem como bom, uma pessoa que conhecem como verdadeira, um homem que as ensina escrúpulos e honra, a ter um coração honesto e uma mente livre do medo. Elas nunca me perguntaram e eu nunca contei nada. Quando a televisão nos lembra dos perigos de uma vida levada no crime e na corrupção, sei que o meu rosto se contorce em compaixão. Eu, o seu pai, quem fala do mundo em termos de certo e errado, quem lhes diz que todo coração, não importa a circunstância, deve fazer o que é certo, desapareço, e em seu lugar fica um homem que elas só viram pelas sombras da memória, de pesadelos antigos, um homem que não tem nada</p>

Still, none of the work I did in Ban Vinai Refugee Camp has prepared me for what America would bring. My life in America has been a series of days spent within the confines of factories. For the last twenty-two years, I have worked with machines. Since we came to this country I have worked for three different companies. I was an assembler in a company that made coolant systems for cars. I was a general machinist for a second company that made wooden plaques and metal awards. With the most recent company, I was a second-shift polisher for different components that are used in industries such as canning and oil drilling. There have been moments in each of these jobs when my supervisors said in different ways, 'Bee, you are not here to talk to me. You are here to talk to machines.'

In America, my voice is only powerful within our home. The moment I exit our front door and enter the paved roads, my deep voice loses its volume and its strength. When I speak English, I

para dizer.

*

Ainda assim, nenhum trabalho que fiz no Campo de Refugiados Ban Vinai me preparou para o que eu enfrentaria nos Estados Unidos. Minha vida nos Estados Unidos tem sido uma série de dias perdidos confinado em fábricas. Nos últimos vinte e dois anos eu tenho trabalhado com máquinas. Desde que viemos para este país já trabalhei para três empresas diferentes. Fui montador em uma empresa que produzia sistemas de refrigeração para carros. Fui operador de máquinas numa segunda empresa que produzia placas comemorativas de madeira e troféus de metal. Na empresa mais recente, eu trabalhei no segundo turno, como polidor de diferentes componentes usados nas indústrias, como por exemplo, para a indústria de enlatados e de extração de petróleo. Em cada um desses empregos tive momentos em que o meu supervisor de algum jeito me disse: "Bee, você não está aqui para falar comigo. Você está aqui para falar com as máquinas".

Nos Estados Unidos, a minha voz só tem poder dentro da nossa casa. No momento em que eu saio pela porta

become like a leaf in the wind. I cannot control the direction my words will fly in the ear of the other person. I try to soften my landing in the language by leaving pauses between each word. I wrestle with my accent until it is a line of breath in the tightness of my throat. I greet people. I ask for directions. I say thank you. I say goodbye. I only speak English at work when it is necessary. I don't like the weakness of my voice in English, but what I struggle with most is the weakness of my words.

In Hmong, my children hear so much of my words that sometimes I know they become heavy with the meaning I want to impart. I tell my children that my work in America is not important, but I work hard so that one day their work will be. I tell them that my big dream is for one of them to become an international human rights lawyer and bring justice to stories and lives like ours. I want one son or daughter to cross over the petty barriers erected by nations and states and stand firm for those who do not belong to these definitions. I try to prepare them in the ways I know how. I tell them to watch CNN and MSNBC with me. I turn on Fox News sometimes so

da frente para as ruas asfaltadas, a minha voz grave perde volume e força. Quando falo inglês, fico como uma folha ao vento. Não consigo controlar em qual direção as minhas palavras vão voar dentro do ouvido da outra pessoa. Eu tento suavizar o meu pouso no idioma dando uma pausa entre cada palavra. Eu brigo com o meu sotaque até que ele vire um fio de fôlego no nó da minha garganta. Eu cumprimento as pessoas. Eu peço informação. Eu digo obrigado. Eu digo tchau. Só falo inglês no trabalho quando necessário. Não gosto da fraqueza da minha voz em inglês, mas o meu maior conflito é com a fraqueza das minhas palavras.

Em hmong, as minhas filhas ouvem tanto as minhas palavras que eu sei que às vezes elas ficam pesadas com o sentido que eu quero dar. Eu falo para as minhas filhas que o meu trabalho nos Estados Unidos não é importante, mas que eu me esforço para que um dia o trabalho delas seja. Eu digo para elas que o meu maior sonho é que uma delas se torne uma advogada de direitos humanos internacional e traga justiça para histórias e vidas como as nossas. Eu quero que um filho ou filha atravesse as barreiras insignificantes erguidas pelas nações e

they know that life is full of difference in opinions and ideas. I tell them to look at the world around them, but always to hear it first. I tell them so much that they grow tired of hearing my words, my dreams for their future lives and their future jobs, their future selves.

Sometimes, I see the exhaustion on their young faces. I find myself wanting to fast-forward to the future to see where they will one day be. I think that seeing them happy and safe and successful will give me energy to get through one more day and that that day will turn into years. Except I know that the price for the future is the present, and I am much weaker than they believe me to be: as I was in Thailand before the men with guns, I am in America before the men in suits.

I am not proud of the jobs I have done. I have never invited my children to visit on 'Bring Your Children to Work Day.' My children ask if they can come to work with me. I tell them no. I tell them that the jobs I do are not in spaces that are safe for children. I tell them that they

estados e defenda pessoas que não se encaixam nessas definições. Eu tento preparar elas do jeito que sei. Eu falo para elas assistirem CNN e MSNBC comigo. Às vezes eu ligo na Fox News para elas saberem que a vida é cheia de diferenças em opiniões e ideias. Eu falo para elas olharem o mundo a sua volta, mas, sempre ouvir primeiro. Eu falo tanto que elas até cansam de ouvir as minhas palavras, meus sonhos para as suas futuras vidas e futuros empregos, os seus futuros "eus".

Às vezes, vejo o cansaço nos seus jovens rostos. Eu me pego querendo avançar para o futuro para ver onde elas chegarão. Eu penso que ver elas felizes, seguras e bem-sucedidas me dará energia para sobreviver mais um dia e que esse dia vai se transformar em anos. Mas sei que o preço do futuro é o presente, e sou bem mais fraco do que elas pensam: na Tailândia eu estava em frente a homens com armas, e nos Estados Unidos eu estou em frente a homens em ternos.

Eu não me orgulho dos empregos que tive. Nunca convidei as minhas filhas para virem para o trabalho comigo nos Dias da Família na Empresa. As minhas filhas perguntam se podem ir pro trabalho comigo. Eu digo não. Digo que

are not the kind of workplaces that I want them to ever know. They say that I cannot hide my world from them. They are right.

*

Kalia drove into the parking lot of the big gray building I worked in. She tried my cell phone but I didn't pick up. I had told her many times that I was not allowed to use my phone while working. Kalia left me a message. She had brought me lunch, spring rolls and an aloe drink; she wanted to put it inside my car, but she didn't have the key. She said she would hide the food under a bush or beside a tree except there was no greenery in sight. I worked in a concrete lot. Even the buildings were cement, painted gray. A six-foot-tall chain-link fence separated this parking lot and building from the others. Kalia said that she would figure out what to do.

Kalia must have noticed that the entry door to the company was open. She had never been inside a factory before. She must have been curious.

Kalia opened the front entry to

os trabalhos que eu faço não são em lugares seguros para crianças. Digo que é o tipo de lugar que desejo que elas nunca conheçam. Elas dizem que não posso esconder o meu mundo delas. Elas estão certas.

*

Kalia entrou no estacionamento do prédio grande e cinza em que eu trabalhava. Ela tentou me ligar no celular, mas eu não atendi. Várias vezes eu havia dito a ela que eu não tinha permissão para usar o celular enquanto trabalhava. Kalia deixou uma mensagem. Ela tinha me trazido almoço, rolinhos primavera e um refresco de aloe; ela queria colocar tudo dentro do meu carro, mas não tinha a chave. Ela disse que ia esconder a comida debaixo de um arbusto ou do lado de uma árvore, mas não tinha nada verde em vista. Eu trabalhava num terreno de concreto. Até os prédios eram de concreto, pintados de cinza. Uma tela de arame de quase dois metros de altura separava esse estacionamento e o prédio dos outros. Kalia disse que daria um jeito.

Kalia deve ter percebido que a porta de entrada da empresa estava aberta. Ela nunca tinha entrado numa fábrica antes. Ela deve ter ficado

find herself in a small space with two glass doors opposite each other. She saw that the door to the left led to an office area with a reception desk, the place where management worked. The door to the right led directly to a space the size of an elementary school gymnasium. The ceilings were high, the walls were bare, and the area was well lit. Large machines the size of Dumpsters, dining tables, and large furnaces were stationed throughout the space.

I had been working at this place for nearly a decade. It was the largest manufacturer of hard materials in the world. I was one of forty-one thousand global employees. I had been working for a small Minneapolis tooling company but in 2004 the bosses sold it to the international corporation. When the ownership changed, there were new rules for us to follow and new people were flown in to oversee us. The company sent men from Europe and South America. The new management asked no questions about us, the fifteen Hmong men on the second shift, a small percentage of their large workforce.

curiosa.

Kalia abriu a porta da frente e entrou num pequeno espaço com duas portas de vidro paralelas uma à outra. Ela viu que a porta da esquerda levava a uma área de escritórios com uma mesa de recepção, o lugar onde a gerência trabalhava. A porta à direita levava diretamente a um espaço do tamanho de um ginásio de escola. O teto era alto, as paredes lisas e a área era bem iluminada. Máquinas grandes do tamanho de caçambas de lixo, mesas de jantar, e fornalhas enormes ocupavam todo espaço.

Eu estava trabalhando nesse lugar fazia quase uma década. Era a maior fábrica de materiais duros do mundo. Eu era um dos 41.000 empregados espalhados pelo globo. Eu tinha trabalhado para uma pequena fábrica de ferramentas em Minneapolis, mas em 2004 os chefes venderam ela para uma corporação internacional. Quando os donos novos chegaram, eles impuseram novas regras para seguirmos e contrataram pessoas novas para nos supervisionar. A empresa mandou homens da Europa e da América do Sul. A gerência nova não fez nenhuma pergunta sobre nós, os quinze homens hmong do segundo turno, uma pequena

The hardest rule for me was the introduction of work uniforms. I could no longer go to work in my jeans, safety toe boots, and button-up shirts. When the big company took over, I had to wear blue-lined shirts that said whom I worked for. The company name was stenciled into the shirt and underneath it in small black letters was my name, Bee, followed by the word 'Polisher.' The uniforms differentiated the factory workers from the office workers. The office workers could wear suits and ties. The secretaries continued wearing their turtlenecks and sweaters. Only my friends and I, the factory workers, had to wear the uniforms.

The big company sent a photographer to take a picture of the second-shift workers. When I showed Chue the photograph, she placed it on the refrigerator, next to the children's school pictures. In the photo, I am standing slightly apart from the group of men. My hands are on either side of my body. I am almost smiling because I had to rush from my station to get outside for the photograph, and the energy of the

porcentagem da imensa força de trabalho da empresa.

A regra mais difícil para mim foi a adoção de uniformes de trabalho. Eu não podia mais trabalhar de jeans, botas de segurança e camisa. Quando a empresa grande tomou conta, eu tive que usar uma camisa listrada azul que dizia para quem eu trabalhava. O nome da empresa estava estampado na camisa, e em baixo estava o meu nome, Bee, em letrinhas pretas, seguido pela palavra 'Polidor'. Os uniformes diferenciavam os funcionários da fábrica dos funcionários do escritório. Os funcionários do escritório podiam usar terno e gravata. Os secretários continuaram a usar camisas com gola e suéteres. Só os meus amigos e eu, os funcionários da fábrica, tínhamos que usar uniformes.

A empresa grande mandou um fotógrafo para tirar uma foto dos funcionários do segundo turno. Quando mostrei a foto para Chue, ela colocou na porta da geladeira, do lado das fotos de escola das crianças. Na foto, eu estou levemente afastado do grupo de homens. Estou com os braços esticados do lado do corpo. Eu estou quase sorrindo porque tive que sair correndo da minha estação para ir para fora tirar

run and the fresh air had made me happy that day. It was a reprise from the continual hum of the machines. In the photograph, my shoulders are straight and I am raising my head at a high angle. There are about thirty to forty people in the photo, but I and my Hmong friends get to stand in front because we are shorter than the rest. All of us are wearing the blue-lined shirts and the dark blue cotton-and-polyester-blended pants. Our pants are bunched up at our ankles because they are too long for us. In the sun, most of our balding heads are gleaming. It is our favorite part of the photo.

My friends and I know each other well. We have a thirty-minute meal break every evening (our shift runs from 4:00 p.m. until midnight). We gather in the company's break room, a sterile cement and glass enclosure in the middle of the high-ceilinged factory. In this room, the company has set up a few tables. We sit close to each other over coolers full of Tupperware dishes. All the men, except for me because I have asked Chue not to pack me a meal, bring dishes of steamed rice and an entrée, usually greens with pork, beef, or chicken. Some of them, the hunters, bring more delicate dishes of

a foto, e a energia da corrida e o ar fresco me deixaram feliz naquele dia. Foi revigorante ficar um pouco longe do zunido constante das máquinas. Na fotografia, os ombros estão retos e a cabeça está bem erguida também. Tem mais ou menos de trinta a quarenta pessoas na foto, mas eu e os meus amigos hmong tivemos que ficar na frente, porque somos mais baixos que o resto. Todos nós estamos usando a camisa com listras azuis e a calça de algodão e poliéster azul escura. Nós dobramos a barra da calça, porque ela é muito comprida para nós. No sol, a maioria das nossas cabeças carecas está brilhando. Essa é a nossa parte preferida da foto.

Os meus amigos e eu nos conhecemos bem. Toda noite nós temos um intervalo de trinta minutos para comer (o nosso turno é das quatro horas da tarde até meia-noite). Nós nos reunimos na sala de intervalo da empresa, uma sala estéril de cimento e vidro no meio das paredes altas da fábrica. Nessa sala, a empresa colocou algumas mesas. Nós nos sentamos perto um do outro com isopores cheios de potes Tupperware. Todos os homens, menos eu, porque eu pedi para Chue não me mandar comida, trazem

carefully seasoned squirrel, bear, venison, or duck meat. The aroma of lemongrass and hot chili with caramelized onions and garlic heating in the microwave makes each of the men hungry, particularly me and the conscientiously healthy ones who look upon bowls of clear broth and blanched greens. Mealtimes are the moments in our work shifts when we get to bring pieces of our homes to work. Through the food we bring, we show how well we are treated by our wives and children and how much we are loved.

I rarely have anything to show from my home. I tell Chue that I don't need an evening meal because I have to lose weight. I have type 2 diabetes. [1]The truth is that I don't want Chue to pack me any food because she no longer cooks the more delicate and time-consuming Hmong food we both enjoyed. She suffers from carpal tunnel in both hands and is in a long recovery from shoulder surgery after years of working in a bank vault pushing heavy carts, carrying banker's boxes, and

pratos de arroz cozido no vapor e uma entrada, normalmente salada com carne de porco, de boi ou de frango. Alguns deles, os caçadores, trazem pratos mais finos de carne de esquilo, urso, veado ou pato, cuidadosamente temperada. O aroma de capim-limão e comida apimentada com cebolas caramelizadas e alho esquentando no micro-ondas deixa os homens com fome, especialmente eu e os conscientemente saudáveis que estão diante de tigelas de caldo de sopa e salada cozida. A hora da refeição é o momento dos nossos turnos em que podemos trazer um pedaço das nossas casas para o trabalho. Pela comida que trazemos, mostramos quão bem tratados somos pelas nossas esposas e filhos, e quanto somos amados.

Eu raramente tenho alguma coisa de casa para mostrar. Eu falo para Chue que não preciso de um jantar à noite porque tenho que perder peso. Eu tenho diabetes tipo 2. [1] A verdade é que eu não quero que Chue prepare comida para mim porque ela já não cozinha a comida hmong que nós dois gostávamos, que é mais delicada e consome mais tempo de preparo. Ela sofre da síndrome do túnel carpal nas duas mãos e está passando por um

shelving and pulling mortgage loan files; Chue can no longer stir, cut, or use both her hands without feeling pain. There is also the fact of Chue's personality. She has never been the type of woman to invest time in the kind of battles that my coworkers wage against each other using food from home. She says the search for leverage in the world using Tupperware containers is futile and pathetic. Other than the rare meals my daughters drop off, usually a few items from an Asian deli, I usually go to work with fruit if there is any in the house.

Although most nights I have no food to eat with the men, I sit with them at the tables. The men make jokes and laugh at each other. They compare pickup lines from long ago. (One of my coworkers won the affection of his wife by saying to her, 'I think you are so beautiful that when we die, I want to be buried underneath you so that your life juices can drip down on me.')

They also talk more seriously about all the things that are happening in the world. Many of

longo período de recuperação de uma cirurgia no ombro, depois de anos trabalhando em um caixa-forte empurrando carrinhos pesados, carregando caixas de banqueiros, e arquivando e pegando arquivos de empréstimos para compra de imóveis; Chue não consegue mais cortar, misturar ou usar as duas mãos sem sentir dor. Também tem a questão da personalidade de Chue. Ela nunca teve o perfil de mulher que investe tempo no tipo de batalha que os meus colegas de trabalho criam usando a comida de casa. Ela diz que a busca por poder no mundo usando potes Tupperware é fútil e patética. Com exceção das raras refeições que as minhas filhas trazem para mim, normalmente algumas coisas de culinária asiática, eu geralmente levo uma fruta para o trabalho, se tiver alguma em casa.

Apesar de, na maioria das noites, não ter comida para comer com os homens, eu sento com eles à mesa. Eles fazem piadas e riem uns dos outros. Eles comparam cantadas antigas. (Um dos meus colegas conquistou o afeto da sua esposa dizendo para ela 'Eu acho que você é tão linda que, quando eu morrer, quero ser enterrado em baixo de você para os

them listen to the local news. A few of them know how to use the Internet to find international radio programs in languages they can speak well, Thai or Lao. There is always a great deal to talk about. We reminisce about the past, nostalgically recalling the lives we lived in Laos. Many of us carry memories of fleeing from our homes, dodging bullets and bombs, and growing hungry and thin in the jungles. Sometimes, when things aren't going well at home, we counsel each other on the best options for going forward. Many of the men come to me for my advice. I love many of the men I work with; they make the hours beneath the bright lights of the factory and the fall of carbide particles bearable.

Each night, we are careful to take off our uniforms, get into the factory showers, and scrub with lava soap before going home to the wives and children who wait for us. We all know that we work with carbide particles. We know that carbide particles cause hard-metal lung disease. Each of us is aware that the

fluidos da sua vida pingarem em mim'). Eles também conversam mais seriamente sobre todas as coisas que estão acontecendo no mundo. Vários ouvem as notícias locais. Alguns sabem usar a internet para achar programas de rádio internacionais em línguas que sabem falar bem, tailandês ou laociano. Sempre tem bastante assunto para conversarmos. Nós falamos sobre o passado, nostalgicamente lembrando da vida que vivemos em Laos. Vários de nós carregamos memórias da fuga das nossas casas, nos esquivando de balas e bombas, e passando fome e emagrecendo nas selvas. Às vezes, quando as coisas não vão bem em casa, nos aconselhamos uns aos outros com as melhores opções para seguir em frente. Vários dos homens vêm me pedir conselho. Eu amo muitos dos homens com quem trabalho; eles tornam suportáveis as horas debaixo das luzes claras da fábrica e a queda de partículas de carbeto.

Todas as noites nós tiramos o uniforme com cuidado, entramos de baixo dos chuveiros da fábrica, e nos esfregamos com sabonete da marca Lava antes de ir para casa para as esposas e filhos que nos esperam. Todos sabemos que trabalhamos com

glittering particles in the air of the factory are dangerous. The whirling fans that spread the shine do not help our odds. We are confined by the knowledge: every job kills you eventually. Some jobs kill you with a single carefully weighted bullet, while others kill you slowly by floating the pieces and particles of metal over time.

I don't talk with my children about the dangers of the flecks of metal that float around me – just as I don't talk about the dangers of the job I did in Thailand.

The only reason the children know about the carbide particles is that several years ago, I was asked to report to work early every day. I came home with a cough that wouldn't go away. It lasted for months, a dry cough that caused my body to spasm, both during the day and through the night. I drank different cough syrups from the store, but nothing was helping. Chue made me herbal teas but they didn't work. Finally, we decided it was time for one of the kids to take me to the doctor.

partículas de carbetto. Nós sabemos que partículas de carbetto causam doença pulmonar por metal duro. Cada um de nós está ciente de que as partículas brilhantes no ar da fábrica são perigosas. Os ventiladores que giram espalhando as partículas brilhantes não trabalham a nosso favor. Estamos confinados pelo conhecimento: toda profissão mata mais cedo ou mais tarde. Algumas profissões matam com uma única bala medida com precisão, enquanto outras matam lentamente ao longo do tempo com pedaços e partículas flutuantes de metal.

Eu não converso com as minhas filhas sobre o perigo dos pontinhos de metal que flutuam à minha volta – assim como não falo dos perigos do trabalho que fiz na Tailândia.

O único motivo pelo qual as crianças sabem das partículas de carbetto é que vários anos atrás me foi pedido que chegasse mais cedo no trabalho todos os dias. Eu voltava para casa com uma tosse que não ia embora. Durou meses, uma tosse seca que fazia o meu corpo sofrer espasmos, tanto durante o dia quanto ao longo da noite. Eu tomei tipos diferentes de xarope para tosse da farmácia, mas nada ajudava. Chue preparou chás de ervas mas não funcionaram. Enfim, decidimos que era

At the doctor's office, he wanted to know if there were any factors in my life that could be causing the cough. Through Kalia, I told the doctor that I had been going to work early, and at work, because the first-shift workers were still in their positions, I had to polish metal on a table without a vent or a fan. I explained that I had been breathing in the carbide particles directly. The doctor was surprised by my work conditions.

He started to ask a question, but instead he said, 'There's nothing I can do for the cough. You have to have your children write the company and request the installation of a vent.'

I told Kalia to explain to him that I had spoken to my supervisor about the situation. The first time the man had waved me off, saying, 'Bee, just work.' When the cough would not stop and the family grew concerned, I tried to speak to the supervisor again. The supervisor walked away as if he had not heard a thing.

hora de uma das crianças me levar no médico.

No consultório médico, ele quis saber se tinha algum motivo na minha vida que poderia estar causando a tosse. Através da Kalia, contei para o médico que eu estava indo trabalhar cedo e que, no trabalho, pelo fato de os trabalhadores do primeiro turno ainda estarem nas suas posições, eu tinha que polir metal em uma mesa sem ventilação ou um ventilador. Eu expliquei que vinha respirando partículas de carbeto diretamente. O médico ficou surpreso com as minhas condições de trabalho.

Ele começou a fazer uma pergunta, mas ao invés disso ele disse 'Eu não posso fazer nada pela tosse. Você tem que pedir para as suas filhas escreverem para a fábrica e pedirem que seja instalada uma ventilação'.

Eu pedi para Kalia explicar para ele que eu tinha conversado com o meu supervisor sobre a situação. Na primeira vez o homem fez um sinal de desprezo com a mão dizendo 'Bee, vai trabalhar'. Quando percebemos que a tosse não estava parando, e a minha família começou a se preocupar, eu tentei conversar com o supervisor mais uma

I coughed so much telling the story that I grew embarrassed before the doctor. I didn't want to make him uncomfortable. I used my hands to cover my mouth, but I noticed how the deep lines in the cracks of my hands looked as if they had been dipped in chalk powder against my skin. It was not only that I was embarrassed; I didn't want my daughter to be embarrassed by me.

The doctor shook his head at my story, suggested we get a humidifier for the house, and said that there was no medicine for the problem we were dealing with. He said it was beyond the reach of medicine.

At home, Chue told me to take better care of myself at work. She suggested I turn away from any carbide particles I saw in the air. She told me to try to breathe through my nose only, to remember to close my mouth the whole time I was polishing. She offered to go buy me a mask like the ones the people in Asia were wearing on television during the bird flu epidemic. I told her I would be careful. I told her that a mask would interfere with my vision and that would be even more dangerous than the coughing.

vez. O supervisor foi embora como se não tivesse ouvido nada.

Eu tossi tanto enquanto contava a história que fiquei com vergonha na frente do médico. Eu não queria deixar ele constrangido. Eu usei as mãos para cobrir a boca, mas percebi como as rachaduras das minhas mãos estavam profundas, como se tivessem sido mergulhadas em pó de giz. Não era só que eu estava com vergonha; eu não queria que a minha filha ficasse com vergonha de mim.

O médico balançou a cabeça quando ouviu a minha história, sugeriu que arranjassemos um vaporizador para a nossa casa, e disse que não tinha remédio para curar o problema com que estávamos lidando. Ele disse que isso ia além do alcance da medicina.

Em casa, Chue pediu para eu me cuidar mais comigo mesmo no trabalho. Ela sugeriu que eu desviasse de qualquer partícula de carbeto que visse no ar. Ela me disse para tentar respirar só pelo nariz, lembrar de fechar a boca enquanto fazia o polimento. Ela se ofereceu para comprar uma máscara igual aquelas que as pessoas da Ásia usavam na televisão durante a epidemia da gripe aviária. Eu falei para ela que

Chue patted me on the shoulder like a sympathetic friend.

After the doctor's visit, Kalia did not say much to me. She went down to the basement to the little closet room that the children used as an office. The room was big enough for a bookshelf and a desk. We had the old Sony desktop in the room, the first computer we ever bought for the kids. Ten years old and it was still working. Surrounded by peeling wallpaper, old blue flowers that bubbled in odd places, sagged, and drooped, Kalia did research on carbide particles.

When Kalia came upstairs, Chue and I were sitting on the back patio, looking over the prairie grass and catching the evening breeze. She interrupted us and told us what she had found out about carbide particles and hard-metal lung disease. She talked about the increased rates of lung cancer for workers around the world who worked in the metal industry. I could see Chue get more and more agitated as Kalia went on. I tried to interrupt my daughter, but to no avail. Finally, I said, 'Enough.'

me cuidaria. Eu disse que a máscara interferiria na minha visão e que isso seria ainda mais perigoso do que a tosse. Chue me deu um tapinha no ombro, como um amigo solidário.

Depois da visita ao médico, Kalia não conversou muito comigo. Ela foi para o porão, para o quartinho que as crianças usavam como escritório. O quarto tinha espaço suficiente para uma estante de livros e uma escrivaninha. Nós deixávamos o velho desktop da Sony no quarto, o primeiro computador que compramos para as crianças. Com dez anos de idade ele ainda funcionava. Circundada por um papel de parede que estava descascando, flores azuis e velhas, descolado e caído, Kalia pesquisou sobre partículas de carbetto.

Quando Kalia subiu do porão, Chue e eu estávamos sentados nos fundos, olhando o gramado e aproveitando a brisa de fim de tarde. Ela nos interrompeu e contou o que tinha achado sobre partículas de carbetto e doença pulmonar causada por metal duro. Ela falou sobre os índices crescentes de câncer de pulmão em trabalhadores do mundo todo que trabalhavam na indústria metalúrgica. Eu percebi que Chue estava ficando cada vez mais agitada enquanto Kalia

She said, 'You have been working with metal for the last twenty-two years in America, Daddy.'

Kalia handed me a letter and told me it was for the company's human resource team. I asked her what it said. She explained that it was a letter outlining the situation and a request for the company not to ask me to go to work without the proper vents and safety precautions. I didn't know if the letter would work but I took it with me and gave it to the supervisor and told him it was for HR.

The company responded quickly and swiftly the next day. A fan was brought in to help direct the flow of carbide particles away from me. The supervisor came with a sheet of paper and asked me to sign on the line saying they had solved the problem. I signed it.

I brought the company's letter of response back to show Kalia. I was happy that my daughter had helped me. I was hopeful that perhaps now that the company knew that I had daughters who could write letters like that, they might be more careful in how they treated me. Kalia's eyes scanned over the letter, but

falava. Tentei interromper a minha filha, mas sem sucesso. Enfim, eu disse 'Já chega'.

Ela disse 'Você tem trabalhado com metal nos últimos vinte e dois anos nos Estados Unidos, papai'.

Kalia me deu uma carta e disse que era para o departamento de Recursos Humanos da empresa. Eu perguntei para ela o que estava escrito. Ela explicou que era uma carta que resumia a situação e com um pedido para que a empresa não me pedisse para ir trabalhar sem a ventilação e as medidas de segurança adequadas. Eu não sabia se a carta funcionaria, mas levei comigo, entreguei para o supervisor e disse que era para o RH.

A empresa respondeu rápida e imediatamente no dia seguinte. Um ventilador foi trazido para ajudar a direcionar as partículas de carbeto para longe de mim. O supervisor veio com uma folha de papel e me pediu para assinar na linha dizendo que eles tinham resolvido o problema. Eu assinei.

Eu trouxe a carta de resposta da empresa de volta para casa para mostrar para Kalia. Eu estava feliz que a minha filha tinha me ajudado. Eu estava torcendo pra que talvez agora que a

she did not look pleased by it.

In Kalia's silence, I told her about how my coworkers and I were initiating a program to potentially get lucky in life.

Each week, most of us Hmong men pooled our dollars to buy communal lottery tickets. We do Mega Millions for fun but we prefer Powerball. The numbers are always automatically generated. The men who buy the tickets make copies of the lottery tickets so that we each know exactly how many tickets have been purchased and what the numbers are.

Each week, I came home with pockets full of lottery tickets and asked my children to check the winning numbers online. I always began by saying, 'Just in case our lives are going to change.'

The children accepted the black-and-white printout of lottery tickets from

empresa sabia que eu tinha filhas que podiam escrever cartas como aquela, eles seriam mais cuidadosos no jeito que me tratavam. Os olhos de Kalia passaram sobre a carta, mas ela não pareceu satisfeita.

Por causa do silêncio de Kalia, eu contei para ela sobre como os meus colegas e eu estávamos começando um programa para potencialmente ter sorte na vida.

Toda semana, a maioria de nós hmongs fazia uma vaquinha para comprar bilhetes de loteria juntos. Nós jogamos na Mega Millions por que é divertido, mas preferimos a Powerball. Os números sempre são gerados automaticamente. Os homens que compram os bilhetes fazem cópias dos bilhetes da loteria para cada um de nós saber exatamente quantos bilhetes foram comprados e quais são os números.

Toda semana, eu vinha para casa com os bolsos cheios de bilhetes de loteria e pedia para as minhas filhas verificarem os números vencedores online. Eu sempre começava dizendo 'Caso as nossas vidas estejam para mudar'.

As crianças recebiam a

my hands. The full-size sheets of paper were folded and crumpled from being in my pockets. They smoothed them on the dining table. They went on the Internet and checked. Sometimes I could tell they didn't want to. Sometimes they told me that the lottery system is a ruse to win money from the poor and the hopeful. They were not willing to see that poor and hopeful is exactly what their father was.

Kalia stood on the outside of the glass door to the company where I worked. She knew I didn't want her there. I guess she wanted to breathe the air that I breathed. She wanted to know the place. Perhaps she was tired of imagining the space. Kalia turned the handle, and the door opened.

Kalia walked into the big room. She saw the dark hair of familiar men, men like her uncles, men like her father, standing beside tall machines. Each was in his uniform, performing the duties specified for his position. Kalia walked into the room and a few of my coworkers recognized her. I had shown them the photographs of my children I carried in my wallet. The men greeted her with quick hand raises, quick smiles, and quick motions of the shoulder toward my station. None of them were in a position

impressão preto e branca de bilhetes lotéricos das minhas mãos. As folhas de papel estavam dobradas e amassadas de ficarem nos bolsos. Elas desdobravam as folhas em cima da mesa de jantar. Iam na internet e verificavam. Às vezes eu percebia que elas não queriam fazer isso. Às vezes me diziam que o sistema lotérico é um jeito de ganhar dinheiro dos pobres e esperançosos. Elas não queriam ver que pobre e esperançoso é exatamente o que o pai delas era.

Kalia ficou parada do lado de fora da porta de vidro da empresa onde eu trabalhava. Ela sabia que eu não queria ela lá. Acho que ela queria respirar o ar que eu respirava. Queria conhecer o lugar. Talvez estivesse cansada de imaginar o lugar. Kalia girou a maçaneta, e a porta abriu.

Kalia entrou no galpão. Viu o cabelo escuro de homens que eram familiares para ela, homens como os seus tios, homens como o seu pai, parados do lado de máquinas altas. Cada um estava usando uniforme, exercendo as atividades específicas da sua função. Kalia entrou no galpão e alguns dos meus colegas a reconheceram. Eu tinha mostrado para eles as fotos das minhas filhas, que

where they could stop the machines and show her where I was. They helped her helplessly.

How Kalia must have seen me: an aging, bald man standing beside a machine the size of a small SUV, staring intently at a laser beam. The man was positioning light on metal. He was concentrating so hard that he didn't notice her until she was about ten feet away, standing still, watching. The machines were loud. She could hear gears running, pistons working, pressure being released. From somewhere behind her a piece of metal fell to the ground. The man did not look up. He finished his task. She could feel the air in his chest, the heat of his focus. The man straightened, he looked up and around. When he saw her, he put up his hand, protected his eyes, adjusted something inside, and then walked toward her. He stopped on his way. The machines hummed around them.

For the first time, she saw me the

carregava na carteira. Os homens a cumprimentaram com acenos rápidos, sorrisos rápidos, e movimentos rápidos com os ombros indicando a direção do meu posto. Nenhum deles estava num lugar em que pudesse parar as máquinas e mostrar para ela onde eu estava. Eles ajudaram sem poder ajudar.

Como Kalia deve ter me visto: um homem que está envelhecendo, careca, parado do lado de uma máquina do tamanho de um SUV, encarando o raio do laser atentamente. O homem estava posicionando a luz no metal. Ele estava tão concentrado que não percebeu a sua presença até que ela estava a uns três metros de distância, parada, olhando. As máquinas eram barulhentas. Ela ouvia as engrenagens rodando, os pistões funcionando, pressão sendo solta. Em algum lugar atrás dela caiu um pedaço de metal no chão. O homem não mexeu o olhar. Ele terminou a sua tarefa. Ela podia sentir o ar dentro do peito dele, o calor da sua concentração. O homem ficou ereto, olhou para cima e ao redor. Quando a viu, levantou a mão, protegeu os olhos, ajustou alguma coisa por dentro, e caminhou em sua direção. Ele parou no meio do caminho. As máquinas trabalhavam em volta deles.

way I see myself: much older than she wanted her young father to be. My eyes looked blurry, the milky growth that covered the brown of my pupils seemed bigger, and the red veins that fanned across the white of my eyes were thick.

I saw the wash of liquid in Kalia's gaze. I had not wanted her to see how I worked and what I worked with. I had not wanted her to see me this way.

My right hand went to my nose, an unconscious gesture for Kalia not to breathe in the air.

Excerpted from Kao Kalia Yang's forthcoming memoir, The Song Poet.

[1] On November 9, 2000, Acting Secretary Hershel Gober announced that the US government would pay for the treatment of type 2 diabetes for US veterans exposed to Agent Orange during the Vietnam War. Research has shown that exposure to Agent Orange and type 2 diabetes is linked. My father and many of the Hmong men who currently live with type 2 diabetes are not considered veterans of war, so they manage the diseases as best they can on their own despite the fact that many of them were exposed to Agent Orange during the war as children and as US soldiers.

Pela primeira vez, ela me viu do jeito que eu me vejo: muito mais velho do que ela gostaria que seu jovem pai fosse. Os meus olhos estavam embaçados, a coisa branca que cobria o marrom das minhas pupilas parecia maior, e as veias vermelhas que corriam pelo branco dos meus olhos estavam grossas.

Eu vi o véu de lágrimas no olhar fixo de Kalia. Não queria que ela tivesse visto como eu trabalhava e com o que eu trabalhava. Não queria que me visse desse jeito.

A minha mão direita foi em direção ao nariz, um gesto inconsciente para que Kalia não inalasse o ar.

Extraído do livro de memórias de Kao Kalia Yang, The Song Poet.

[1] No dia 09 de novembro de 2000 Hershel Gober, secretário em exercício, anunciou que o governo americano pagaria pelo tratamento de diabetes do tipo 2 para veteranos de guerra do Estados Unidos expostos ao Agente Laranja durante a guerra do Vietnã. As pesquisas mostram que a exposição ao Agente Laranja e diabetes tipo 2 estão relacionados. O meu pai e muitos dos hmongs que atualmente vivem com diabetes tipo 2 não são considerados veteranos de guerra, por isso eles lidam com as doenças da maneira que podem, apesar de vários deles

	terem sido expostos ao Agente Laranja durante a guerra quando crianças e como soldados dos Estados Unidos.
--	--